



DECOMTEC
Área de Competitividade

Um ano de Crise na
Indústria de Transformação
Relatório de Indicadores Setoriais

Equipe Técnica
DECOMTEC/FIESP

Dezembro/2009

FIESP

PRESIDENTE

Paulo Skaf

DECOMTEC

DIRETOR TITULAR

José Ricardo Roriz Coelho

DIRETOR TITULAR ADJUNTO

Pierangelo Rossetti

DIRETORIA

Airton Caetano

Almir Daier Abdalla

André Luis Romi

Carlos William de Macedo Ferreira

Cássio Jordão Motta Vecchiatti

Christina Veronika Stein

Cláudio Grineberg

Cláudio José de Góes

Cláudio Sidnei Moura

Cristiano Veneri Freitas Miano (Representante do CJE)

Denis Perez Martins

Dimas de Melo Pimenta III

Donizete Duarte da Silva

Eduardo Berkovitz Ferreira

Eduardo Camillo Pachikoski

Elias Miguel Haddad

Eustáquio de Freitas Guimarães

Fernando Bueno

Francisco Florindo Sanz Esteban

Francisco Xavier Lopes Zapata

Jayme Marques Filho

João Luiz Fedricci

Jorge Eduardo Suplicy Funaro

Lino Goss Neto

Luiz Carlos Tripodo

Manoel Canosa Miguez

Marcelo Gebara Stephano (Representante do CJE)

Marcelo José Medela

Mário William Esper

Nelson Luis de Carvalho Freire

Newton Cyrano Scartezini

Octaviano Raymundo Camargo Silva

Olívio Manuel de Souza Ávila

Rafael Cervone Netto

Robert William Velasquez Salvador (Representante do CJE)

Roberto Musto

Ronaldo da Rocha

Stefano de Angelis

Walter Bartels

ÁREA DE COMPETITIVIDADE

GERENTE

Renato Corona Fernandes

EQUIPE TÉCNICA

Albino Fernando Colantuono

André Kalup Vasconcelos

Célia Regina Murad

Daniela Carla Decaro Schettini

Egídio Zardo Junior

Fulvia Hessel Escudeiro

Guilherme Riccioppo Magacho

José Leandro de Resende Fernandes

Juliana de Souza

Paulo Henrique Rangel Teixeira

Paulo Sergio Pereira da Rocha

Pedro Guerra Duval Kobler Corrêa

Roberta Cristina Possamai

Silas Lozano Paz

ESTAGIÁRIA

Karen Dias Mendes

APOIO

Maria Cristina Bhering Monteiro Flores

Mauricio Oliveira Medeiros

SUMÁRIO EXECUTIVO

- Apesar da retomada do crescimento da produção na Indústria de Transformação, iniciada em janeiro de 2009, não se pôde retomar o nível de atividade do período pré- crise. O impacto nos investimentos ocorreu com as diminuições de 9,9% no quarto trimestre de 2008, e de 11,0% no primeiro trimestre de 2009, em relação aos trimestres anteriores. O segundo trimestre de 2009 apontou crescimento de 2,0%, dos investimentos em relação ao trimestre anterior.
- A forte redução da demanda no período de crise reduziu significativamente os investimentos originalmente planejados. A recente retomada da economia vem gradativamente reduzindo a ociosidade da indústria de transformação. No entanto, poderá haver comprometimento da oferta industrial no momento em que a economia crescer e atingir o produto potencial, pressionando os preços e, com isso, provavelmente levando à retomada da Política Monetária de combate à inflação com aumento das taxas de juros e com isso contribuir fortemente para a inibição dos investimentos.
- Entre setembro de 2008 e setembro de 2009, a queda de 8,0% na produção na Indústria de Transformação foi a maior registrada para esse período desde 1991, superando o impacto sofrido em 1992, quando o recuo da produção atingiu 7,5%. A retração da produção reduziu as vendas em R\$ 224,7 bilhões, o que representou a perda de quase dois meses de receita na indústria de transformação.

- A produção caiu, fortemente, em setores que representam 35% do Valor da Transformação Industrial da Indústria de Transformação, puxando para baixo o desempenho de outros setores, devido, principalmente, ao encadeamento existente entre os setores produtivos. Isso ocorreu, sobretudo, em Veículos Automotores, Máquinas e Equipamentos e Metalurgia Básica, que são setores importantes no parque industrial.
- Com a eclosão da crise, o crescimento do emprego observado no primeiro semestre de 2008 foi revertido. O pessoal ocupado na indústria de transformação passou de 7,03 milhões em setembro de 2008, para 6,74 milhões em setembro de 2009. Com essa queda de 4,1%, perderam-se 286 mil empregos na Indústria de Transformação. Trata-se da segunda pior retração no emprego industrial, no mesmo período, desde 1998, época em que teve queda de 5,7%.
- Os setores industriais que mais perderam pessoal ocupado e que mais contribuíram à queda do emprego na indústria de transformação foram: Metalurgia Básica, Veículos Automotores, Máquinas e Equipamentos, Madeira, Produtos de Metal, Borracha e Plástico, Calçados e Couros e Têxteis.
- De setembro de 2008 a setembro de 2009, a massa salarial na Indústria de Transformação caiu, relativamente, menos do que a produção, 5,3% e 8,0%, respectivamente, porém, mais do que o emprego (4,1%), indicando que a crise impactou mais sobre a folha de pagamento.
- A massa salarial da indústria de transformação passou de R\$ 190 bilhões (no período out/07-set/08), para R\$ 177 bilhões (no período out/08-set/09), queda de R\$ 13 bilhões na renda dos trabalhadores, que é maior do que os R\$ 12,1 bilhões que serão pagos de 13º salário aos trabalhadores da indústria geral em 2009.

- Entre setembro/08 e setembro/09, a produtividade do trabalho na indústria de transformação caiu 4,1%, os setores mais atingidos foram: Fumo, Elétricos, Vestuários, Máquinas e Equipamentos, Eletrônicos e Equipamentos de Comunicações, Edição, Produtos de Metal, Instrumentos Médico-Hospitalares, Madeira e Veículos Automotores.
- De setembro de 2008 a setembro de 2009, as exportações da Indústria de Transformação, em dólares, caíram 30,9%, e as importações, 28,2%. O maior recuo das exportações em relação às importações impactou negativamente no saldo comercial da Indústria de Transformação, que se retraiu 44,1%.
- Se o câmbio como indutor de competitividade é uma grande “dor de cabeça” para os países que representam a maior parcela de comércio internacional, e a China se aproveita muito bem disso, imagine para o Brasil. O Real (R\$) foi umas das moedas que mais se valorizaram em 2009 (25,7% até novembro) e praticamente dobrou de valor em relação ao dólar no período do governo Lula.

Precisaremos de uma adequação a esta situação com urgência !

- Na Indústria de Transformação, os setores mais prejudicados e que mais contribuíram para a queda das exportações foram: Equipamentos de Transporte, Veículos Automotores, Metalurgia Básica e Máquinas e Equipamentos. Esses setores contribuíram com 66,1% à queda das vendas externas da indústria de transformação.

- Na Indústria de Transformação, os setores mais impactados pela crise quando se considera as variáveis de Resultado (produção, pessoal ocupado, massa salarial e produtividade) e as de comércio internacional (Índice de Saldo Comercial), no período de crise (Out/08-Set/09) em comparação com o período pré-crise (Out/07-Set/08), foram: Veículos Automotores; Máquinas e Equipamentos; Borracha e Plástico; Elétricos; Produtos de Metal; Eletrônicos e Equipamentos de Comunicações; Metalurgia Básica; Madeira; Mobiliário e Calçados e Couros.
- As previsões indicam que o retorno da Formação Bruta de Capital Fixo em relação ao PIB só voltará aos níveis de 2008 em 2011. Esse tempo para o retorno do investimento é perigoso, já que a projeção do retorno da produção ao mesmo patamar de setembro de 2008 se dará no final de 2010. Há a necessidade de o investimento voltar aos mesmos níveis num prazo mais curto para que não se tenha pressão de demanda em função do mercado interno responder muito bem ao crescimento do crédito. Além disso, se os países asiáticos voltarem a retomar o crescimento, haverá um aumento de demanda de alimentos e matérias-primas de nossos clientes, que poderá encontrar gargalos pelo lado da oferta e elevar os preços desses bens.
- O foco das medidas implantadas a partir de julho de 2009 foi, predominantemente, a ampliação da oferta e a redução do custo do crédito seja para investimento, capital de giro, exportação e inovação. O que em meio a uma crise, eminentemente, de crédito, foram ações na direção certa. Entretanto, essas ações amenizaram os efeitos da crise, mas não conseguiram manter a trajetória anterior em que os investimentos estavam crescendo a taxas acima do PIB.

- As medidas de caráter permanente contidas na PDP precisam ser ampliadas. Durante esses últimos meses um dos aprendizados foi o impacto positivo que a desoneração teve no consumo interno, respondendo, sobremaneira, as ações do governo. Agora é preciso que se ampliem essas medidas para os investimentos de forma a evitar processos inflacionários no curto prazo e para que se volte aos níveis de investimento que havia antes da crise.
- É preciso desburocratizar e facilitar o acesso das empresas. Observou-se que a diminuição dos *spreads* dos bancos públicos impacta no mercado, demonstrando o papel que esses bancos podem e devem desempenhar no sistema financeiro, ampliando o atendimento e facilitando o acesso das empresas aos financiamentos dos investimentos.
- As medidas de desoneração precisam ser ampliadas. O Brasil é um dos poucos países que onera os investimentos, o que é extremamente inconsistente com uma política de incentivo à modernização e desenvolvimento do parque industrial.
- Para incentivar o investimento em P&D, é necessário ainda um grande caminho que passa por: validar os instrumentos da Lei da Inovação; ampliar e consolidar o instrumento de subvenção econômica; permitir a utilização de crédito tributário para investimento em P&D; ampliar a participação de mercado de capitais no financiamento à inovação, além de criar ambientes de inovação focados na empresa, através da difusão e extensão tecnológica e da consolidação de um Sistema Nacional de Inovação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. PRODUÇÃO INDUSTRIAL	4
2. EMPREGO.....	10
3. MASSA SALARIAL	14
4. PRODUTIVIDADE DO TRABALHO	18
5. COMÉRCIO INTERNACIONAL	21
6. EFEITOS DA CRISE NOS RESULTADOS DOS SETORES DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	25
7. A CRISE, AS AÇÕES DO GOVERNO E PROPOSTAS PARA A RETOMADA DO CRESCIMENTO	31
8. ANEXOS	36
Anexo 1 – Produção Física.....	36
Anexo 2 – Emprego	37
Anexo 3 – Massa Salarial	38

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1.1 Produção Física da Indústria de Transformação	5
Gráfico 1.2 Variação da Produção Física e Contribuição dos Setores para a Queda de 8,0% da Indústria de Transformação	8
Gráfico 1.3 Evolução da Produção da Indústria de Transformação, Dez/2005 – Dez/2010	9
Gráfico 2.1 Pessoal Ocupado da Indústria de Transformação	11
Gráfico 2.2 Variação do Pessoal Ocupado e Contribuição dos Setores para a Queda de 4,1% da Indústria de Transformação	13
Gráfico 3.1 Massa Salarial da Indústria de Transformação	14
Gráfico 3.2 Variação da Massa Salarial e Contribuição dos Setores para a Queda de 5,3% da Indústria de Transformação	17
Gráfico 4.1 Produtividade da Indústria de Transformação	18
Gráfico 4.2 Variação da Produtividade do Trabalho (Set/08 – Set/09).....	19
Gráfico 5.1 Taxa de Câmbio - R\$/US\$ - Jan/08 a Set/09.....	21
Gráfico 5.2 Variação das Exportações e Contribuição dos Setores para a Queda de 30,9% da Indústria de Transformação	23
Gráfico 6.1 Panorama Setorial – Out/08-Set09 <i>versus</i> Out/07-Set/08	30
Gráfico 8.1 Variação da Produção Física (Set/08 – Set/09)	36
Gráfico 8.2 Contribuição dos Setores na Queda de 8,0% da Produção da Indústria de Transformação (Set/08- Set/09).....	36
Gráfico 8.3 Variação do Pessoal Ocupado (Set/08 – Set/09).....	37
Gráfico 8.4 Contribuição dos Setores na Queda de 4,1% do Pessoal Ocupado da Indústria de Transformação (Set/08- Set/09).....	37
Gráfico 8.5 Variação da Massa Salarial (Set/08 – Set/09)	38
Gráfico 8.6 Contribuição dos Setores na Queda de 5,3% da Massa Salarial da Indústria de Transformação (Set/08- Set/09).....	38

QUADROS

Quadro 7.1 Resumo dos Incentivos Permanentes ao Investimento.....	32
Quadro 7.2 Resumo dos Incentivos de Curto Prazo ao Investimento	33

TABELAS

Tabela 4.1 Variação da Produção, do Pessoal Ocupado e da Produtividade do Trabalho (Set/08-Set/09)	20
Tabela 5.1 Exportações, Importações e Saldo Comercial (Set/08 e Set/09)	24

INTRODUÇÃO

No início do ano de 2008, o contexto econômico era extremamente favorável para o Brasil por diversos fatores: as contas externas estavam equilibradas; a inflação encontrava-se em um patamar baixo e apresentava pouca volatilidade; os mercados de crédito e de capital estavam em expansão; o desemprego estava se retraindo e a massa salarial, se elevando. Ademais, o setor privado encontrava-se em potenciais condições de investimento e o país acabara de atingir grau de investimento positivo. Logo, havia condições para um novo ciclo de crescimento econômico.

Entretanto, o cenário econômico se modificou, substancialmente, com a eclosão da crise financeira internacional que se intensificou em setembro de 2008 com a quebra do banco norte-americano Lehman Brothers logo se espalhando pelos demais países.

A perda de confiança no sistema financeiro gerou incertezas no mercado interbancário, visto que os bancos adotaram comportamentos mais cautelosos em relação aos empréstimos, diminuindo a liquidez do sistema. As famílias e as empresas, por sua vez, reduziram as perspectivas de consumo e de investimento. Dessa forma, aliadas às restrições do sistema creditício, as alterações provocadas pela crise levaram a quedas de investimento, de produção, de comércio internacional e ao aumento das taxas de desemprego em muitos países.

A Pesquisa Ipsos-FIESP sobre intenções de investimentos já apontava que os investimentos sofreriam uma redução de 20,9% em 2009. Os investimentos mais afetados seriam, em primeiro lugar, os em Máquinas e Equipamentos, com redução de 23,3% em relação ao ano de 2008; seguidos dos em Pesquisa e Desenvolvimento, com queda de 5,8% e dos gastos com Inovação (gestão, produto e processo), com diminuição de 2,3%.

Os primeiros sinais da crise foram percebidos no mercado financeiro brasileiro, com a queda no valor das ações e com a desvalorização do Real. Já, nos últimos meses de 2008, um novo cenário econômico se consolidava no país. O processo de crescimento dos investimentos, da produção industrial, do

emprego e do crédito, que era claro até setembro de 2008, e que vinha em franca trajetória de expansão desde meados de 2003, fora interrompido.

Segundo o IBGE, o PIB a preços de mercado, em volume, registrou a maior queda (-2,9%) desde o início da série em 1996, na comparação do quarto trimestre contra o terceiro trimestre de 2008, com ajuste sazonal.

Nos meses de crise, a escassez de crédito, associada à volatilidade dos preços das *commodities* e à recessão que se alastrou nas principais economias, levou a queda nas vendas externas, atingindo o setor exportador da indústria de transformação brasileira. No mercado interno, o cenário não foi tão diferente, com grande retração das vendas, atingindo a produção, que entre setembro de 2008 e setembro de 2009, caiu 8,0% na série livre de influências sazonais.

Apesar da retomada do crescimento da produção industrial, iniciada em janeiro de 2009, não se pôde retomar o nível de atividade do período pré-crise. O impacto nos investimentos ocorreu com as diminuições de 9,9% no quarto trimestre de 2008, e de 11,0% no primeiro trimestre de 2009, em relação aos trimestres anteriores. O segundo trimestre de 2009 apontou crescimento de 2,0% em relação ao trimestre anterior.

Desse modo, com a redução dos investimentos que estavam planejados antes da crise, possivelmente, haverá o comprometimento da oferta industrial no momento em que a economia crescer e atingir o produto potencial, pressionando os preços e, com isso, provavelmente levando à retomada da Política Monetária de combate à inflação com aumento das taxas de juros.

Por todos esses fatores, a indústria de transformação merece uma descrição dos principais indicadores setoriais¹ afetados pela instabilidade financeira internacional.

¹ Produção, emprego, massa salarial, produtividade e comércio internacional.

Neste documento, os cinco primeiros capítulos assinalam as quedas ocorridas entre setembro de 2008 e setembro de 2009 de importantes indicadores de desempenho da economia. O primeiro capítulo identifica os setores da indústria de transformação mais atingidos e suas respectivas contribuições para a queda da produção. No segundo e terceiro capítulos, são apresentados os impactos da crise no emprego e na massa salarial, respectivamente. O quarto capítulo discorre sobre os efeitos na Produtividade e o quinto, sobre o comércio internacional.

O sexto capítulo sintetiza os efeitos da crise em dois indicadores: Resultados e Comércio Internacional, comparando-os em dois períodos distintos, o primeiro: de outubro de 2007 a setembro de 2008, quando a economia brasileira não enfrentava os efeitos da crise, e o segundo: de outubro de 2008 a setembro de 2009, período mais agudo da crise.

No último capítulo são apresentadas as ações postas em prática pelo governo para combater os efeitos da crise e algumas propostas para a retomada do desenvolvimento, com ênfase na Política de Desenvolvimento Produtivo.

Logo, este trabalho busca, não só assinalar os efeitos da crise sobre os diversos setores industriais, como contribuir para o desenvolvimento com propostas para que a retomada do crescimento econômico seja consistente e sustentável.

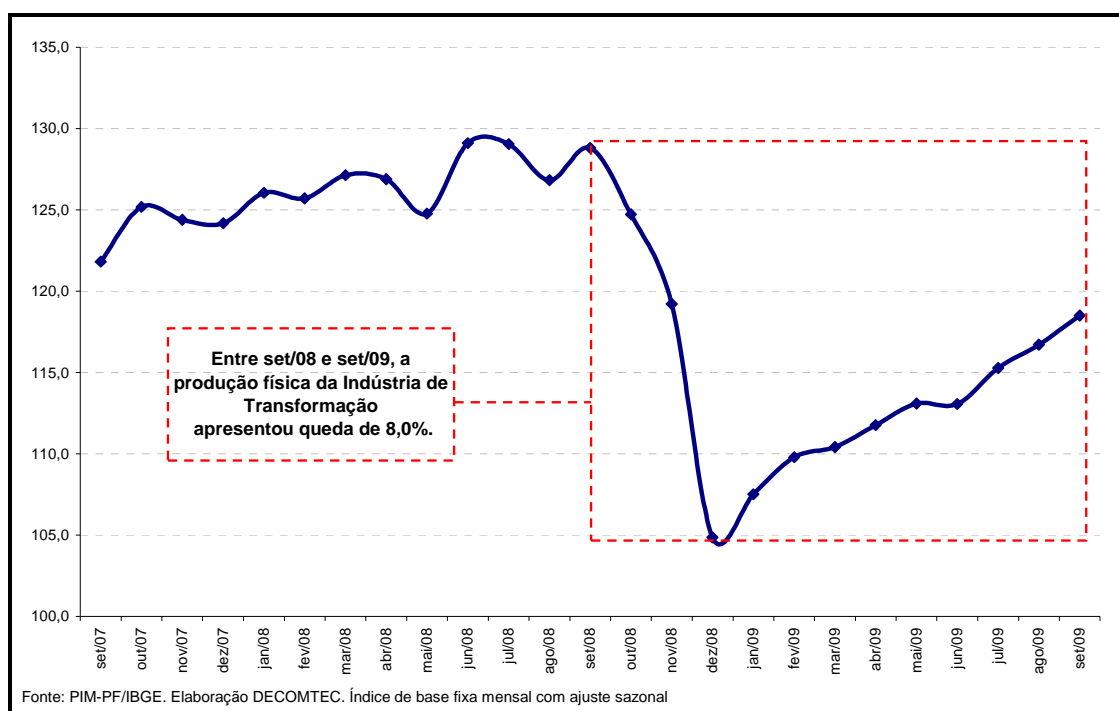
1. PRODUÇÃO INDUSTRIAL

A indústria de transformação sentiu os primeiros efeitos da crise, de modo geral, em outubro de 2008. Foi neste mês que a maioria dos setores industriais apresentou queda da produção, seja no aspecto mês a mês (com ajuste sazonal), seja na comparação com o mesmo mês do ano anterior. A crise se alastrou e arrefeceu a produção, devido, sobretudo, à escassez de crédito e ao recuo das vendas.

No último trimestre de 2008 houve queda da produção física na indústria de transformação de 18,6%, seguida de uma recuperação de 10,2% em 2009, que não foi suficiente para compensar o recuo do final de 2008 (Gráfico 1.1). A maioria dos setores da indústria amargou o decréscimo da produção perante igual período do ano anterior, acumulando queda de 8,0% entre setembro/08 e setembro/09, ou seja, o crescimento da produção nos três primeiros trimestres de 2009 não foi suficiente para compensar o retrocesso verificado no último trimestre de 2008.

Nos doze meses de crise, a queda de 8,0% na produção industrial foi a maior registrada para o período desde 1991, superando o impacto sofrido em 1992, quando o recuo da produção atingiu 7,5%.

Gráfico 1.1 Produção Física da Indústria de Transformação



Estima-se que a Receita Líquida de Vendas da Indústria de Transformação passou de R\$ 1,499 trilhão no período Out/07-Set/08, para R\$ 1,275 trilhão no período Out/08-Set/09, queda de 15,0%. O recuo das vendas de R\$ 224,7 bilhões representou a perda de, aproximadamente, dois meses de receita para a Indústria de Transformação.

Em doze meses de crise, a retração da produção da indústria de transformação reduziu as vendas em R\$ 224,7 bilhões, o que representou a perda de quase dois meses de receita.

O Gráfico 1.2 apresenta os setores da indústria de transformação e suas respectivas variações de produção entre os meses de setembro de 2008 e setembro de 2009, além de suas contribuições² para a queda de 8,0% da produção da indústria de transformação.

² A contribuição dos setores que retraíram a produção e que, por isso, contribuíram positivamente para a queda da produção da indústria de transformação é, naturalmente, um número positivo e para os setores que elevaram a produção, a contribuição para a queda é negativa. Entretanto, para melhor representação e visualização gráfica, o sinal da contribuição

No terceiro quadrante do Gráfico 1.2, encontram-se os setores mais prejudicados e que mais contribuíram para a queda da produção da indústria de transformação: **Veículos Automotores; Máquinas e Equipamentos; Metalurgia Básica; Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos; Material Eletrônico e Aparelhos e Equipamentos de Comunicações; Produtos de Metal e Borracha e Plásticos.** Esses sete setores contribuíram com 81,2% da queda de produção da indústria de transformação.

Dentre os setores com maiores quedas na produção e que mais contribuíram para o recuo de desempenho da indústria de transformação estão os de Máquinas e Equipamentos³ e de Veículos Automotores. Esses setores foram contemplados com medidas anticíclicas, principalmente as de desoneração do consumo (redução do IPI). Se não tivessem sido aplicadas tais ações, os efeitos da crise poderiam ser ainda mais perversos nesses setores. **Ressalta-se que, embora tenham sido paliativas, as ações anticíclicas do governo, demoraram a serem criadas, não evitando, assim, a perda sofrida de empregos e de renda nesses setores, e que ainda não foram recuperados.**

Os setores do terceiro quadrante são de grande importância, com grande encadeamento intersetorial na economia. A produção caiu, fortemente, nesses setores, que representam 35% do Valor da Transformação Industrial da Indústria de Transformação, puxando para baixo o desempenho de outros setores. Isso ocorreu, sobretudo, em Veículos Automotores, Máquinas e Equipamentos e Metalurgia Básica, que são setores importantes no parque industrial.

O setor de Metalurgia Básica, por exemplo, é importante fornecedor dos setores de Veículos Automotores, de Máquinas e Equipamentos, de Produtos de Metal, dentre outros. Assim, a queda de desempenho da atividade econômica afeta esses setores fortemente e, posteriormente, alastra-se para os demais setores.

foi invertido, posicionando os setores que mais contribuíram para a queda nos Quadrantes 2 e 3, e os que menos contribuíram, nos Quadrantes 1 e 4.

³ Nesse setor estão incluídos os produtos da chamada “Linha Branca”.

No Quadrante 1, estão os setores que menos recuaram a produção e que menos contribuíram para a queda da produção da indústria de transformação: **Perfumaria, Bebidas, Produtos Químicos, Produtos Diversos⁴, Celulose e Papel, Produtos Farmacêuticos, Máquinas de Escritório e Equipamentos de Informática, Equipamentos de Transporte, Têxteis e Mobiliário**. Esses setores contribuíram com 6,4% para que o recuo da produção da indústria de transformação não fosse mais acentuado.

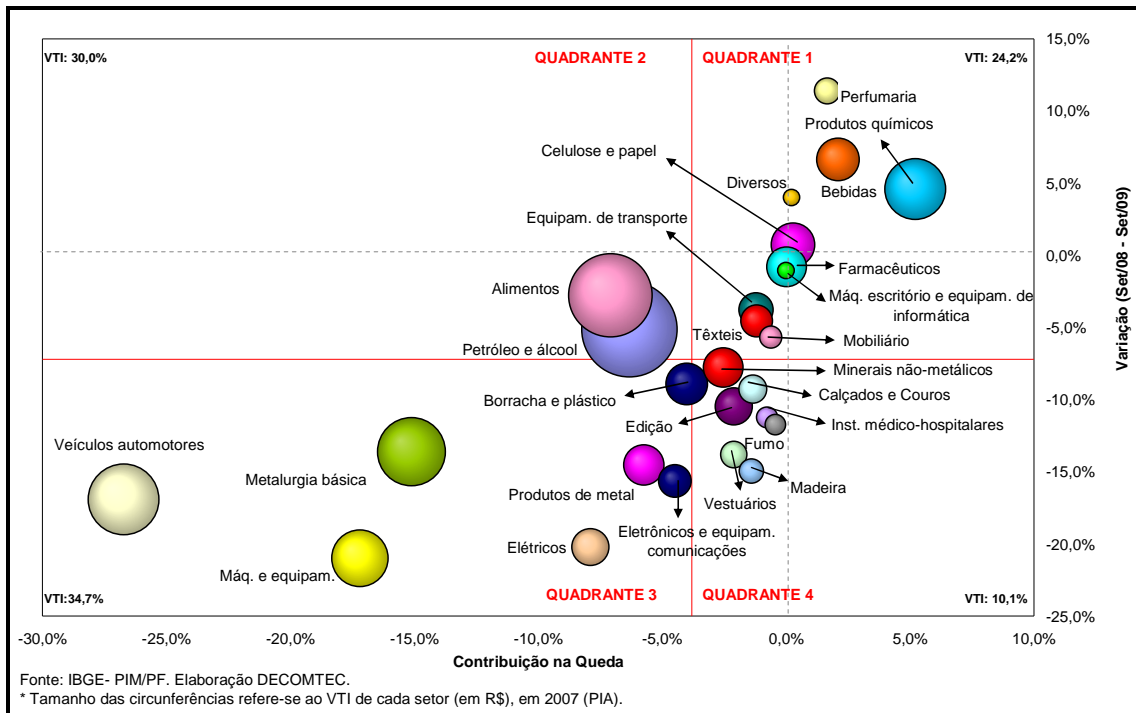
No segundo quadrante estão representados o setor de Petróleo e Álcool e o de Alimentos, que apresentaram desempenho acima da média, com contribuição à queda da produção da indústria de transformação de 13,4%. Devido ao peso⁵ que esses setores têm na economia, pequenas oscilações na produção influenciam fortemente o desempenho da indústria de transformação.

No Quadrante 4, estão os setores que recuaram significativamente a produção, mas que pouco contribuíram para a queda da produção: **Minerais Não Metálicos, Calçados e Couros, Edição, Instrumentos Médico-Hospitalares, Fumo, Madeira e Vestuários**. Para ter uma idéia da dimensão desses setores, eles responderam, em 2007, por 10,1% do Valor da Transformação Industrial da Indústria de Transformação.

⁴ As Classes incluídas no setor de Produtos Diversos são: Lapidação de pedras preciosas e semipreciosas, fabricação de artefatos de ourivesaria e joalheria; Fabricação de instrumentos musicais; Fabricação de artefatos para caça, pesca e esporte; Fabricação de brinquedos e de jogos recreativos; Fabricação de canetas, lápis, fitas impressoras para máquinas e outros artigos para escritório; Fabricação de aviamentos para costura; Fabricação de escovas, pincéis e vassouras e Fabricação de produtos diversos.

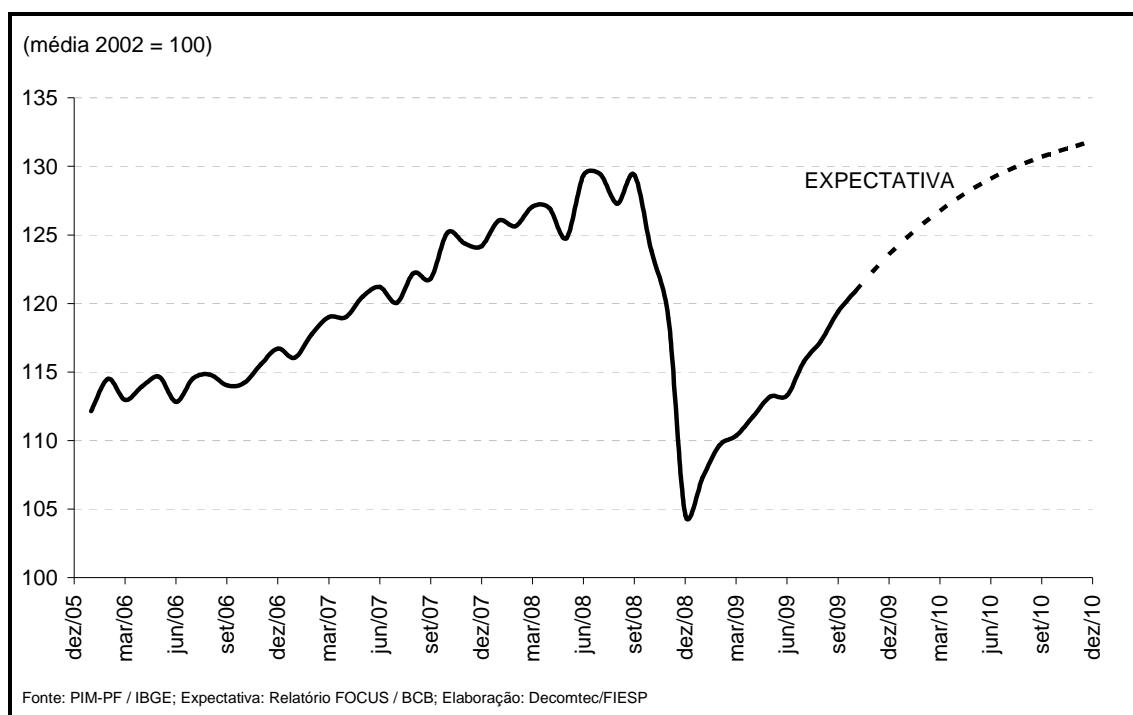
⁵ Os setores de Alimentos e de Petróleo e Álcool representam cerca de 30% do Valor da Transformação Industrial da Indústria de Transformação (PIA-IBGE/2007).

Gráfico 1.2 Variação da Produção Física e Contribuição dos Setores para a Queda de 8,0% da Indústria de Transformação



Segundo a previsão de expectativa expressa no Gráfico 1.3, a recuperação da produção física da indústria de transformação será alcançada no quarto trimestre de 2010. De acordo com o Relatório FOCUS⁶, a produção industrial deve atingir patamares bem próximos aos de setembro de 2008 em novembro de 2010.

Gráfico 1.3 Evolução da Produção da Indústria de Transformação, Dez/2005 – Dez/2010



⁶ Relatório do dia 27/11/2009 (BANCO CENTRAL DO BRASIL).

2. EMPREGO

O emprego na indústria de transformação também foi atingido pela crise, com queda do pessoal ocupado, porém, em proporções relativamente menores ao recuo observado na produção. Isso acontece porque a produção é mais suscetível às oscilações econômicas, enquanto o emprego não responde tão rapidamente aos ciclos econômicos, já que as demissões envolvem relações contratuais mais complexas com elevado ônus. Além disso, as empresas evitam perder profissionais experientes, e havia a expectativa de alguns empresários de que a crise poderia não se prolongar por muito tempo.

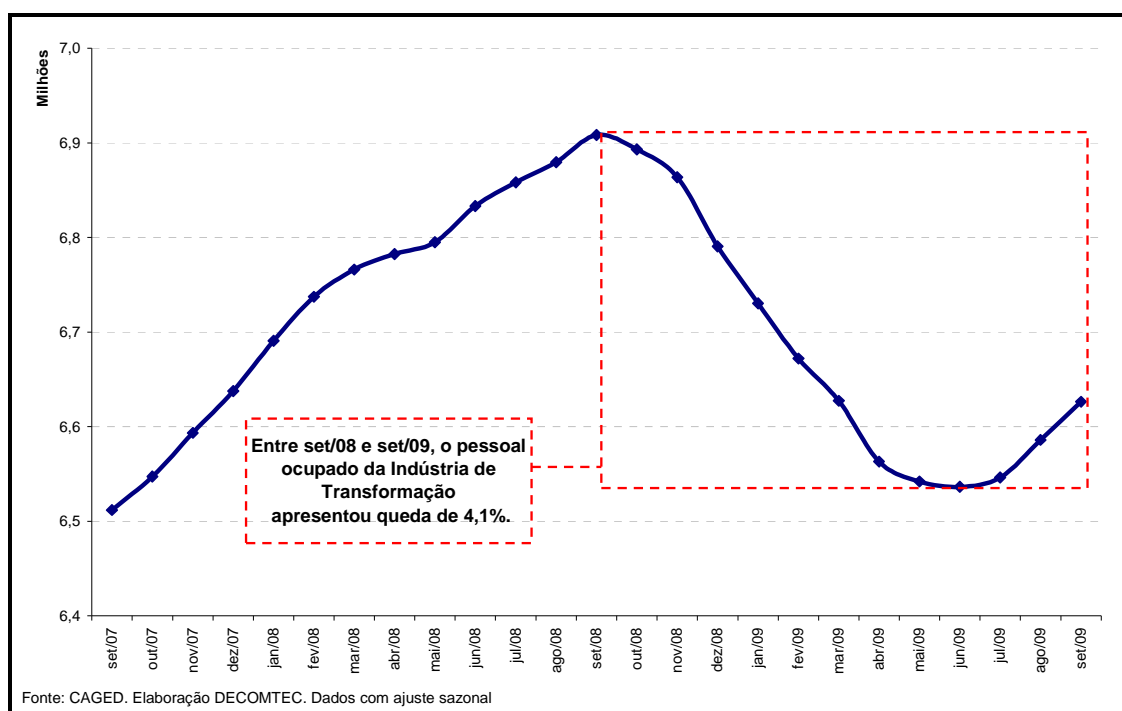
Ademais, alguns acordos firmados entre trabalhadores e empresários viabilizaram a redução da jornada de trabalho e dos salários em algumas categorias profissionais, prática utilizada para barrar demissões e contornar os problemas financeiros das empresas.

Os dois primeiros quadrimestres de 2008 foram marcados pelo aumento do pessoal ocupado na indústria de transformação, período em que o emprego apresentou uma taxa de crescimento de 2,8%.

Com a eclosão da crise, o crescimento do emprego observado no primeiro semestre de 2008 foi revertido. O pessoal ocupado na indústria de transformação passou de 7,03 milhões em setembro de 2008, para 6,74 milhões em setembro de 2009. Com essa queda de 4,1%, perderam-se 286 mil empregos na Indústria de Transformação (Gráfico 2.1).

Nos meses de crise, registrou-se a queda de 4,1% do pessoal ocupado na indústria de transformação, com extinção de 286 mil postos de trabalho. Trata-se da segunda pior retração no emprego industrial, no mesmo período, desde 1998, época em que teve queda de 5,7%.

Gráfico 2.1 Pessoal Ocupado da Indústria de Transformação



O Gráfico 2.2 representa como os setores da indústria de transformação variaram o emprego entre setembro/08 e setembro/09, e qual foi a contribuição⁷ de cada um para o recuo de 4,1% do pessoal ocupado da indústria de transformação no período.

No terceiro quadrante do Gráfico estão representados os setores industriais que mais perderam pessoal ocupado e que mais contribuíram para a queda do emprego na indústria de transformação: Metalurgia Básica, Veículos Automotores, Máquinas e Equipamentos, Madeira, Produtos de Metal, Borracha e Plástico, Calçados e Couros e Têxteis.

Devido à relevância desses setores no emprego industrial (em 2007⁸, respondiam por 40,9% do pessoal ocupado), a redução do emprego nesses setores, nos meses de crise, contribuiu com 85,8% do recuo de 4,1% do pessoal ocupado na indústria de transformação.

⁷ A contribuição daqueles setores que retraíram o emprego e que, por isso, contribuíram positivamente para a queda do pessoal ocupado na indústria de transformação é, naturalmente, um número positivo e, para aqueles setores que aumentaram o emprego, a contribuição para a queda é negativa. Entretanto, para melhor visualização do Gráfico, o sinal da contribuição foi invertido.

⁸ PIA/IBGE.

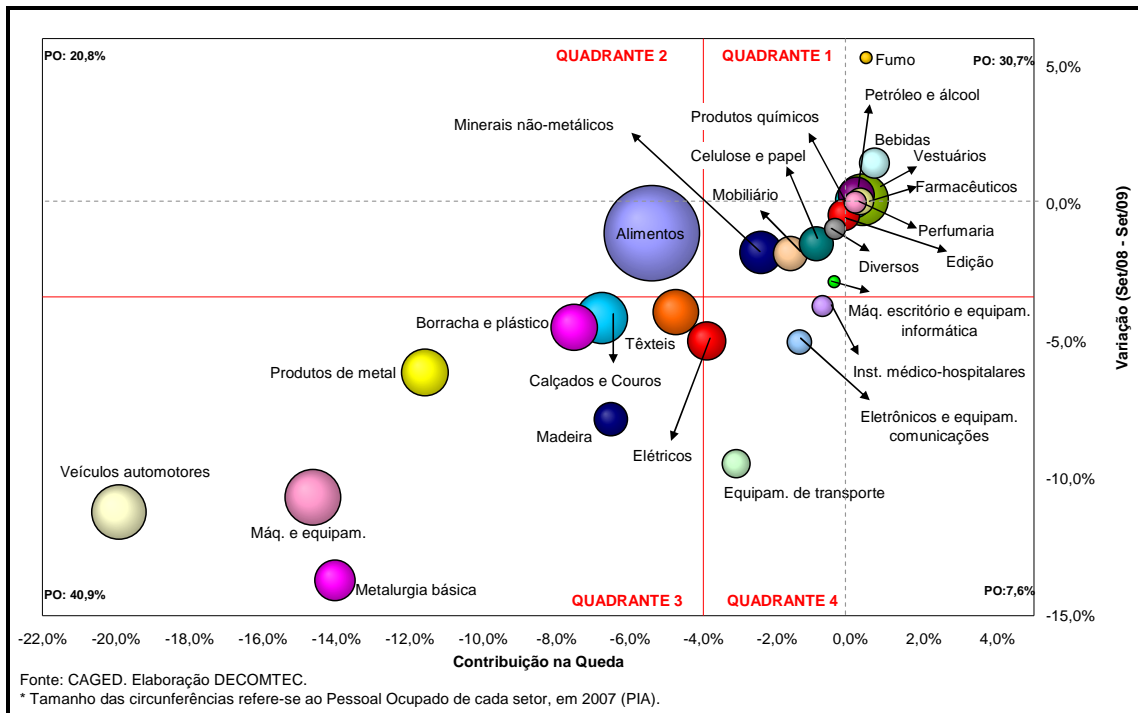
Mais uma vez observa-se o quanto foram tardias as medidas do governo para amenizar os efeitos da crise. Por exemplo, os setores de Veículos Automotores, Metalurgia Básica e de Máquinas e Equipamentos estão tanto entre os que mais reduziram a produção, como os que mais perderam pessoal ocupado. Logo, as medidas anticíclicas deveriam ter se antecipado ao impacto ocorrido no emprego.

No Quadrante 1 estão os setores que tiveram menores impactos no emprego, e por isso amenizaram a queda do pessoal ocupado na indústria de transformação, ou seja, contribuíram em 4,0% para que a queda do emprego de 4,1% não fosse ainda maior: Fumo, Produtos Químicos, Petróleo e Álcool, Bebidas, Vestuários, Farmacêuticos, Perfumaria, Edição, Diversos, Celulose e Papel, Mobiliário, Máquinas de Escritório e Equipamentos de Informática e Minerais Não Metálicos.

O setor de Alimentos (Quadrante 2) foi o único que apresentou retração do emprego (-1,1%) menor do que a média (-3,4%) dos setores, mas contribuiu com 5,4% para a diminuição de -4,1% no emprego industrial. Esse setor é grande empregador (20,8% do emprego industrial em 2007) e, por isso, variações positivas ou negativas de seu pessoal ocupado influenciam o emprego da indústria de transformação.

Os setores do Quarto Quadrante, apesar de apresentarem queda no emprego, pouco contribuíram para a retração do pessoal ocupado da indústria de transformação: Instrumentos Médico-Hospitalares, Elétricos, Eletrônico e Equipamentos de Comunicações e Equipamentos de Transporte.

Gráfico 2.2 Variação do Pessoal Ocupado e Contribuição dos Setores para a Queda de 4,1% da Indústria de Transformação

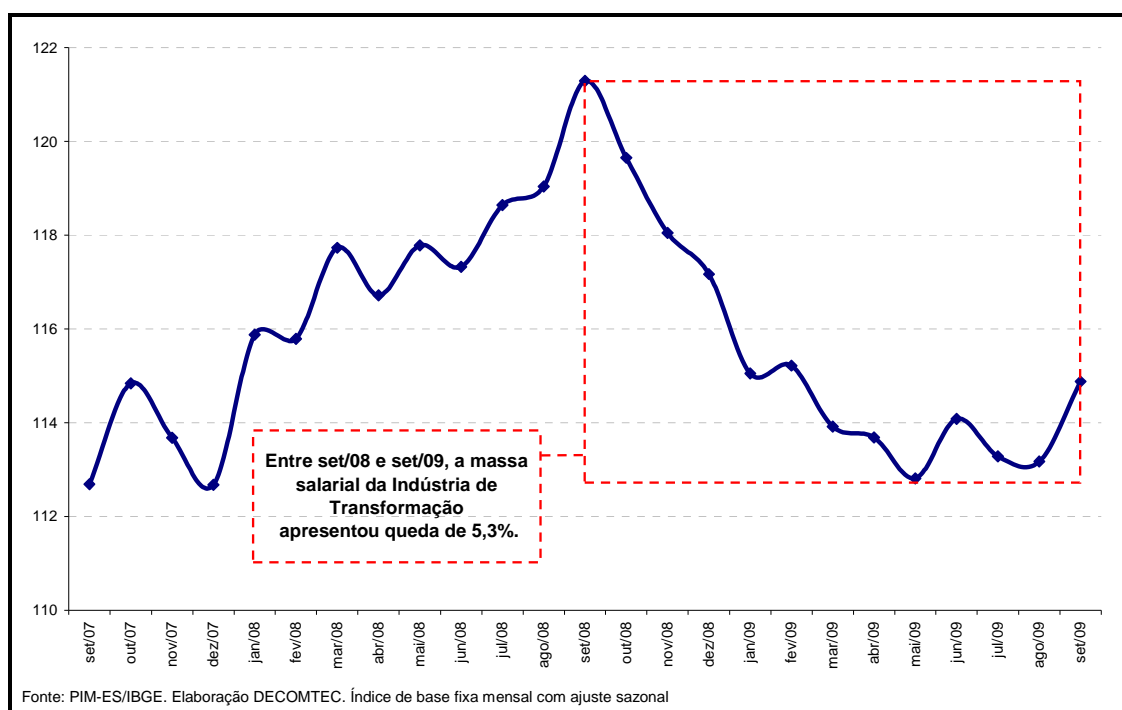


3. MASSA SALARIAL

A massa salarial da indústria de transformação encontrava-se em expansão até o mês de eclosão da crise. E, apesar de que em alguns meses de 2009 apresentou crescimento, ainda encontra-se abaixo do que era no pré-crise.

De setembro de 2008 a setembro de 2009, a massa salarial caiu, relativamente, menos do que a produção, 5,3% e 8,0%, respectivamente, porém, mais do que o emprego (4,1%), indicando que a crise impactou mais sobre a folha de pagamento, conforme pode ser verificado pelo Gráfico 3.1.

Gráfico 3.1 Massa Salarial da Indústria de Transformação



A massa salarial anual⁹, que era de R\$ 190 bilhões (na soma dos rendimentos mensais de outubro de 2007 a setembro de 2008), passou para R\$ 177 bilhões nos doze meses posteriores, registrando queda de R\$ 13 bilhões na renda anual dos trabalhadores da indústria de transformação.

⁹ Valores em R\$ de setembro de 2009.

Para se ter uma idéia mais clara do tamanho da perda da massa salarial na indústria de transformação, pode-se comparar essa queda de massa com o 13º salário que será pago pela indústria geral em 2009. Ou seja, os R\$ 13 bilhões de perda de massa na indústria de transformação superam em R\$ 900 milhões os R\$ 12,1 bilhões¹⁰ que serão pagos pela Indústria Geral como 13º salário em 2009.

A massa salarial passou de R\$ 190 bilhões para R\$ 177 bilhões, queda de R\$ 13 bilhões na renda dos trabalhadores da indústria de transformação, que é maior do que os R\$ 12,1 bilhões que serão pagos de 13º salário aos trabalhadores da indústria geral em 2009.

Pelo Gráfico 3.2 visualizam-se como os setores da indústria de transformação variaram a massa salarial, e quais foram suas contribuições¹¹ ao recuo da massa salarial no período de setembro de 2008 a setembro de 2009.

No Quadrante 3 do Gráfico 3.2 estão identificados os oito setores que mais reduziram suas massas salariais e que mais contribuíram para a queda da massa salarial da indústria de transformação. Quatro setores desse quadrante responderam por 87,6% do recuo da massa salarial da indústria de transformação: **Metalurgia Básica, Veículos Automotores, Máquinas e Equipamentos, e Produtos de Metal.**

O crescimento da massa salarial no Brasil tem alterado as configurações do consumo interno, já que elevou o poder aquisitivo das Classes C e D, melhorando o desempenho de alguns setores industriais que têm no mercado interno grande parte de suas demandas. Alguns desses setores estão descritos no Quadrante 1 do Gráfico, e colaboraram para amortecer a queda da massa salarial da indústria de transformação.

¹⁰ Nota à imprensa de 10/11/2009 – DIEESE – “13º salário deve injetar R\$ 84,8 bilhões na economia”.

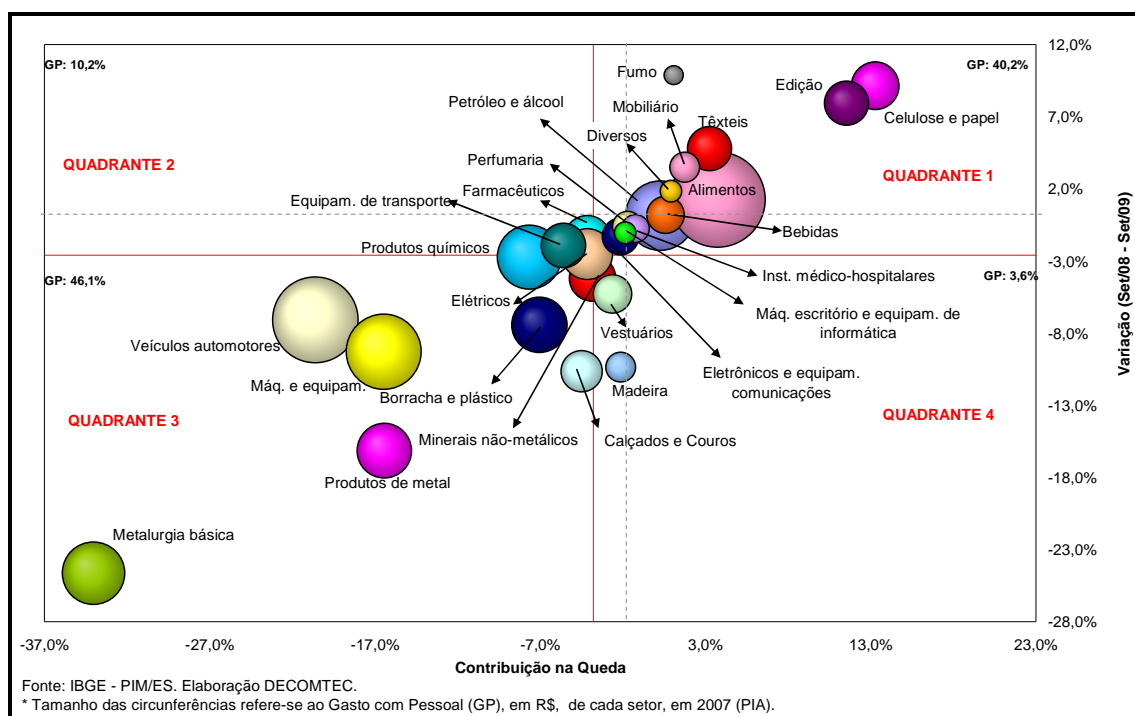
¹¹ A contribuição daqueles setores que retraíram a massa salarial e que, por isso, contribuíram positivamente para a queda na indústria de transformação é, naturalmente, um número positivo e, para aqueles setores que aumentaram a massa, a contribuição para a queda é negativa. Entretanto, para melhor visualização do Gráfico, o sinal da contribuição foi invertido.

Os setores do Quadrante 1 colaboraram com 29,3% para evitar que a queda da massa salarial na indústria de transformação fosse ainda maior, ou seja, amorteceram o recuo que ocorreu na massa salarial da indústria. Nesse Quadrante encontram-se os setores de: **Celulose e Papel, Edição, Fumo, Têxteis, Mobiliário, Diversos, Alimentos, Bebidas, Petróleo e Álcool, Eletrônicos e Equipamentos de Comunicações, Perfumaria, Instrumento Médico-Hospitalares, Fumo, Máquinas de Escritório e Equipamentos de Informática.**

No Quadrante 2, estão os setores Farmacêuticos, Elétricos e Equipamentos de Transporte, que diminuíram relativamente pouco suas respectivas massas salariais, porém contribuíram com 13,9% para a queda da massa salarial da indústria de transformação. Esses setores, tradicionalmente, demandam trabalhadores mais especializados, e, por isso, pagam, relativamente, maiores salários do que a média da indústria. Logo, oscilações na massa salarial desses setores podem influenciar a massa salarial da indústria de modo significativo.

Apenas dois setores (Vestuários e Madeira) retraíram a massa salarial mais do que a média dos setores, mas que pouco contribuíram (4,8%) para a queda da massa salarial da indústria de transformação (Quadrante 4). Isso se deve ao baixo peso que esses setores têm no total do Gasto com Pessoal da indústria de transformação (3,6%).

Gráfico 3.2 Variação da Massa Salarial e Contribuição dos Setores para a Queda de 5,3% da Indústria de Transformação



A queda da massa salarial foi maior do que a do pessoal ocupado, reforçando a idéia de que as ações anticíclicas do governo deveriam ter sido implantadas antes da redução do emprego, e assim evitariam a perda de R\$ 13 bilhões de renda que ocorreu na indústria de transformação.

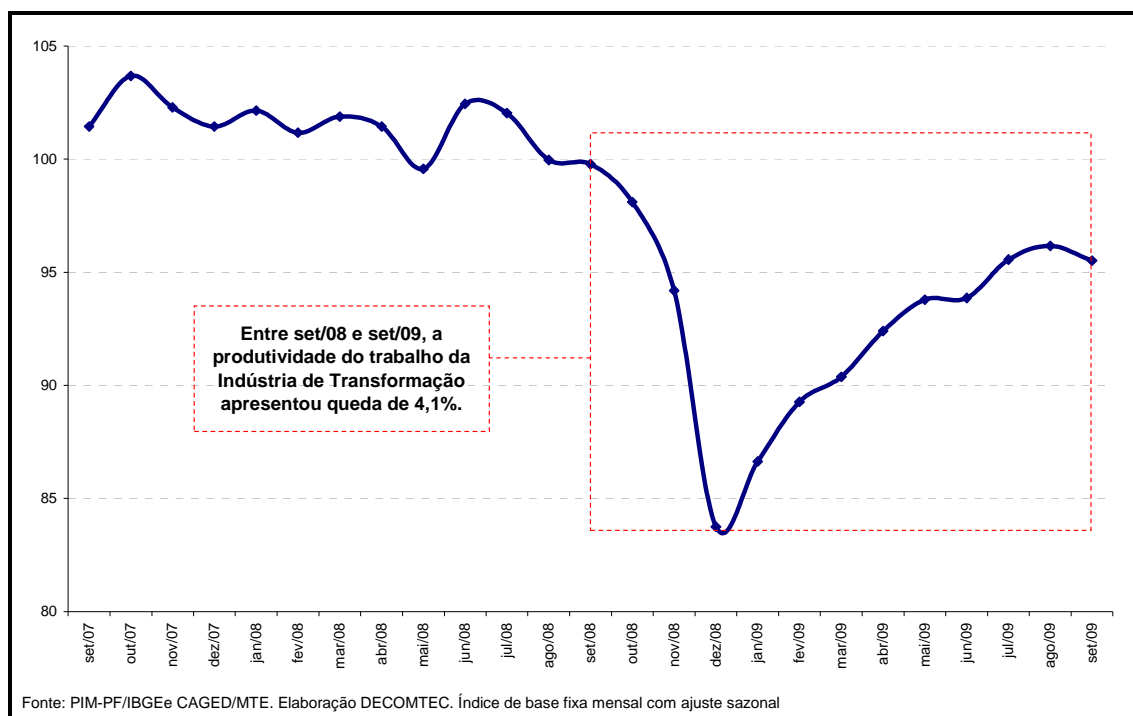
4. PRODUTIVIDADE DO TRABALHO

Segundo o IBGE, a Produtividade do Trabalho é uma medida-chave de eficiência econômica por explicitar como, efetivamente, os insumos são convertidos em produção. O cálculo da produtividade se dá pela razão entre a Valor da Transformação Industrial (VTI) e o Pessoal Ocupado.

O VTI é uma variável que é calculada pelo IBGE na Pesquisa Industrial Anual, cuja última foi publicada em 2007. Desta forma, utilizou-se, para este estudo, a Produção (PIM-PF/IBGE) como *proxy* do VTI no cálculo da produtividade.

O Gráfico 4,1 exibe a evolução da produtividade, que, entre setembro/08 e setembro/09, caiu 4,1%. No último trimestre de 2008, a produtividade despencou (-17,2%), atingindo o valor mais baixo da série analisada.

Gráfico 4.1 Produtividade da Indústria de Transformação



Entre os setores mais atingidos estão: Produtos do Fumo, Elétricos, Vestuários, Máquinas e Equipamentos, Eletrônicos e Equipamentos de Comunicações, Edição, Produtos de Metal, Instrumentos Médico-Hospitalares e Madeira (Gráfico 4.2).

Oito setores da indústria de transformação aumentaram a produtividade do trabalho nos meses de crise: **Metalurgia Básica, Máquinas de Escritório e Equipamentos de Informática, Celulose e Papel, Produtos Químicos, Diversos, Bebidas, Equipamentos de Transporte e Perfumaria.**

O setor de Metalurgia Básica apresentou queda tanto na produção como no pessoal ocupado, como se pode ver na Tabela 4.1. Entretanto, como as quedas ocorridas foram, praticamente, iguais, a produtividade pouco se alterou (0,1%). Já os setores de Máquinas de Escritório e Equipamentos de Informática, Celulose e Papel, Diversos e Equipamentos de Transporte aumentaram a produtividade por meio da queda de pessoal ocupado.

Os setores de Produtos Químicos, Bebidas e Perfumaria foram os únicos setores que aumentaram a produtividade do trabalho sem diminuir o emprego, isto é, aumentaram a produção de forma mais significativa que o pessoal ocupado (Tabela 4.1).

Gráfico 4.2 Variação da Produtividade do Trabalho (Set/08 – Set/09)

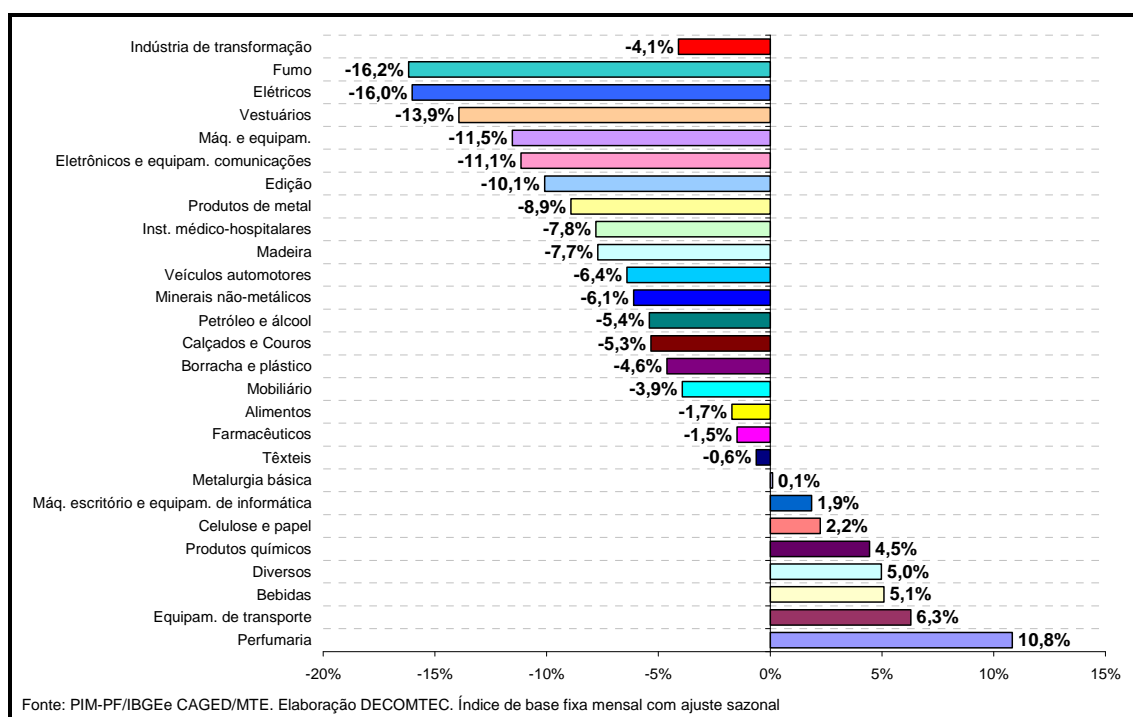


Tabela 4.1 Variação da Produção, do Pessoal Ocupado e da Produtividade do Trabalho (Set/08-Set/09)

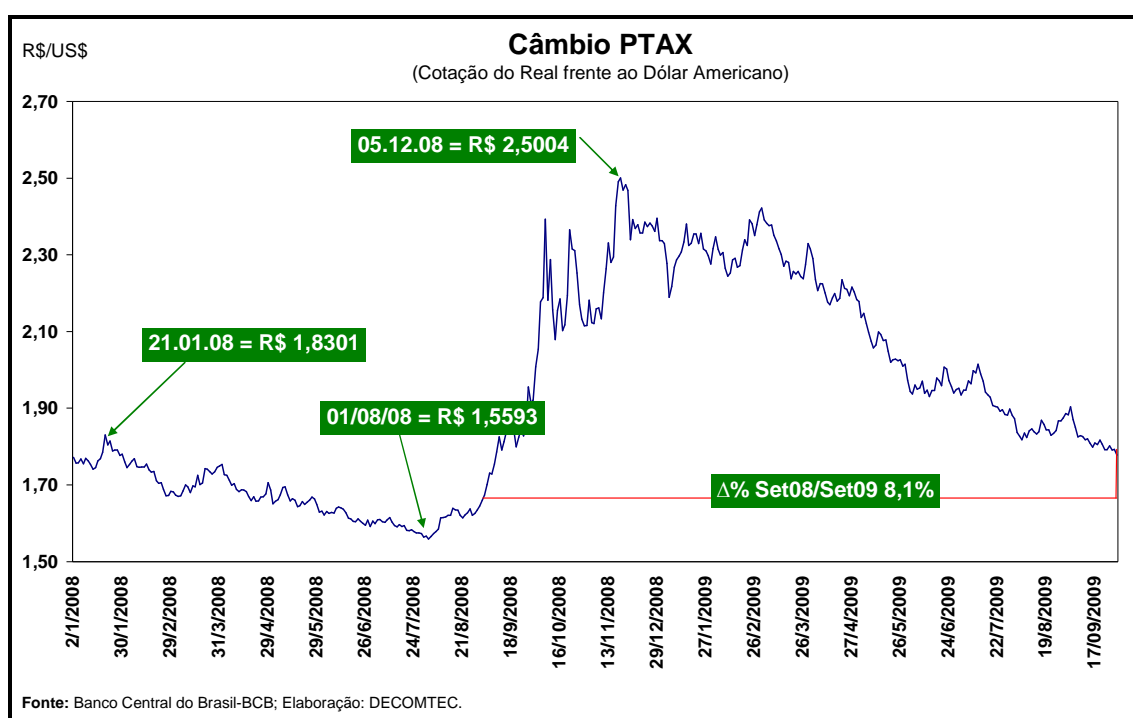
SETORES	VARIÇÃO (SET/08-SET/09)		
	PRODUÇÃO	PESSOAL OCUPADO	PRODUTIVIDADE
Fumo	-11,7%	5,3%	-16,2%
Elétricos	-20,2%	-5,0%	-16,0%
Vestuários	-13,8%	0,1%	-13,9%
Máq. e equipam.	-21,0%	-10,7%	-11,5%
Eletrônicos e eq. Comunicações	-15,6%	-5,0%	-11,1%
Edição	-10,5%	-0,4%	-10,1%
Produtos de metal	-14,5%	-6,2%	-8,9%
Inst. médico-hospitalares	-11,2%	-3,7%	-7,8%
Madeira	-15,0%	-7,9%	-7,7%
Veículos automotores	-16,9%	-11,2%	-6,4%
Minerais não-metálicos	-7,8%	-1,8%	-6,1%
Petróleo e álcool	-5,1%	0,3%	-5,4%
Calçados e Couros	-9,3%	-4,2%	-5,3%
Borracha e plástico	-8,9%	-4,5%	-4,6%
Mobiliário	-5,7%	-1,8%	-3,9%
Alimentos	-2,8%	-1,1%	-1,7%
Farmacêuticos	-0,8%	0,7%	-1,5%
Têxteis	-4,6%	-4,0%	-0,6%
Metalurgia básica	-13,6%	-13,7%	0,1%
Máq. escritório e eq. informática	-1,0%	-2,8%	1,9%
Celulose e papel	0,7%	-1,5%	2,2%
Diversos	4,0%	-0,9%	5,0%
Equipam. de transporte	-3,8%	-9,5%	6,3%
Produtos químicos	4,6%	0,1%	4,5%
Bebidas	6,6%	1,5%	5,1%
Perfumaria	11,4%	0,5%	10,8%
Indústria de Transformação	-8,0%	-4,1%	-4,1%

Fonte: IBGE; CAGED. Elaboração DECOMTEC.

5. COMÉRCIO INTERNACIONAL

A crise internacional alterou os fluxos de comércio e de capitais, atingindo o câmbio. Entre setembro/08 e o setembro/09, o câmbio se depreciou 8,1%. Em dezembro de 2008, o real encontrava-se com preços em dólares similares aos de 2005, em torno de R\$ 2,50, a partir de então voltou a se valorizar, Gráfico 5.1.

Gráfico 5.1 Taxa de Câmbio - R\$/US\$ - Jan/08 a Set/09



A desvalorização do Real no início da crise provocou a redução das importações, já que a moeda brasileira perdeu seu poder de compra, o que tornou os produtos importados, relativamente, mais caros do que os produtos de origem nacional, além disso, a crise afetou o consumo e a produção interna, reduzindo a demanda por bens e insumos estrangeiros.

Apesar da desvalorização do Real, as exportações de produtos industrializados brasileiros não se elevaram. A recessão que se alastrou nos principais mercados exterior afetou as vendas brasileiras, derrubando as exportações de produtos industrializados.

De setembro de 2008 a setembro de 2009, as exportações na indústria de transformação, em dólares, caíram 30,9%, e as importações, 28,2%. O maior recuo das exportações em relação às importações impactou negativamente no saldo comercial, que retraiu 44,1%.

O Gráfico 5.2 apresenta como os setores da indústria de transformação variaram suas exportações no período de crise, e quais foram suas respectivas contribuições¹² à queda das vendas externas da indústria de transformação.

Os setores mais prejudicados e que mais contribuíram para a queda das vendas externas da indústria de transformação (Quadrante 3) foram: Equipamentos de Transporte, Veículos Automotores, Metalurgia Básica e Máquinas e Equipamentos. Esses setores, que são importantes na pauta de exportação¹³, contribuíram com 66,1% à queda das vendas externas da indústria.

No Quadrante 1 estão os setores que foram menos prejudicados e que menos contribuíram para a queda das exportações da indústria de transformação. Esses setores contribuíram em 8,1% para que a queda das exportações da indústria de transformação não fosse ainda maior, sendo que dos dez setores que se encontram nesse quadrante, três apresentaram expansão de suas exportações no período de crise: **Farmacêuticos, Produtos do Fumo e Máquinas de Escritório e Equipamentos de Informática.**

O setor de Alimentos é o mais importante exportador da indústria de transformação. Em 2007¹⁴, por exemplo, o setor de alimentos respondeu por 21,7% do valor exportado pela indústria de transformação. Logo, a variação das exportações desse setor influencia significativamente as vendas externas da indústria de transformação. O setor de alimentos foi o único que diminuiu suas exportações menos do que a média dos setores e contribuiu mais do que a média para a retração da indústria de transformação (Quadrante 2).

Já os setores que recuaram suas exportações mais do que a média, mas que contribuíram pouco para a queda das exportações da indústria de

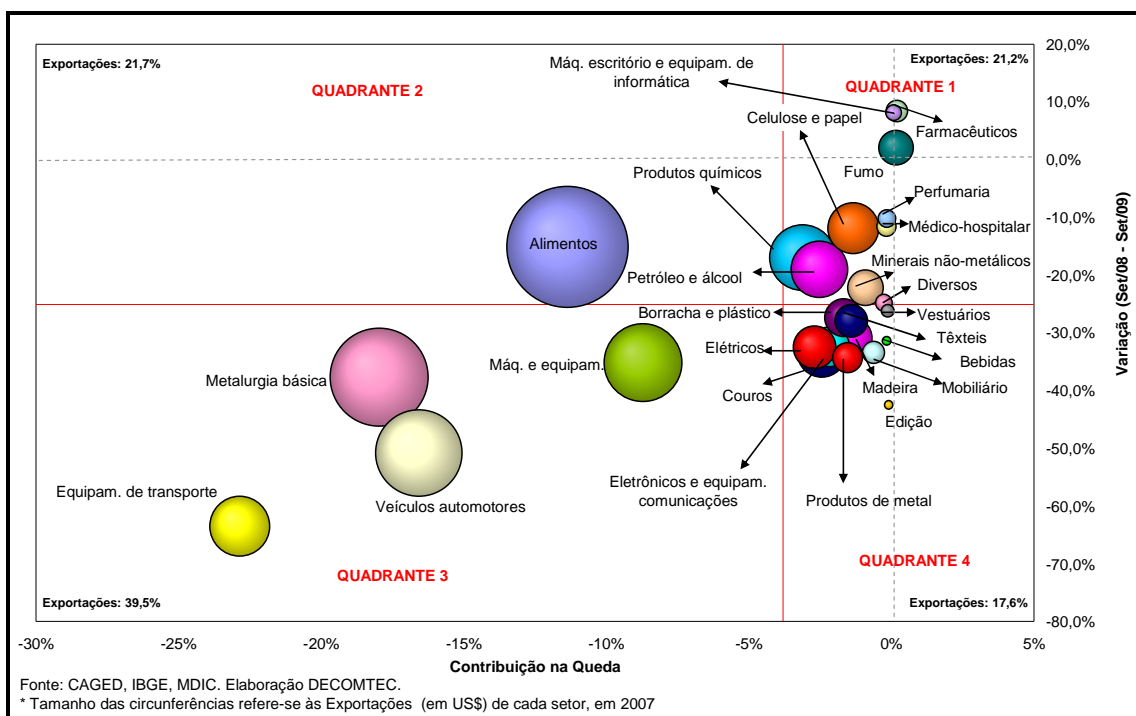
¹² A contribuição daqueles setores que retraíram as exportações e que, por isso, contribuíram positivamente para a queda na indústria de transformação é, naturalmente, um número positivo e, para aqueles setores que aumentaram as vendas externas, a contribuição para a queda é negativa. Entretanto, para melhor visualização do Gráfico, o sinal da contribuição foi invertido.

¹³ Em 2007, foram responsáveis por 39,5% do total das exportações (MDIC).

¹⁴ MDIC.

transformação estão entre aqueles tipicamente voltados para o mercado interno e que, por isso, não são significativos para a pauta de exportação da indústria, representando 17,6% das vendas ao exterior de industrializados (Quadrante 4): Vestuários, Bebidas, Calçados e Couros, Madeira, Elétricos, Têxteis, Edição, Produtos de Metal, Mobiliário, Borracha e Plástico e Eletrônicos e Equipamentos de Comunicações.

Gráfico 5.2 Variação das Exportações e Contribuição dos Setores para a Queda de 30,9% da Indústria de Transformação



O saldo comercial da indústria de transformação se contraiu em 44,1% no ano da crise, gerando *déficit* em setembro de 2009, efeito da diminuição mais acentuada das exportações. Quinze setores industriais apresentaram quedas nos seus respectivos saldos comerciais. As maiores retrações do saldo comercial em termos absolutos encontraram-se nos setores de: Equipamentos de Transporte, Veículos Automotores, Alimentos e Metalurgia Básica.

Tabela 5.1 Exportações, Importações e Saldo Comercial (Set/08 e Set/09)

Em US\$ Milhões

SETORES	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		SALDO COMERCIAL			
	SET/08	SET/09	SET/08	SET/09	SET/08	SET/09	VARIAÇÃO	Δ%
Equipam. de transporte	1.593,32	581,48	678,67	415,11	914,65	166,37	-748	-81,8%
Veículos automotores	1.444,20	710,56	1.294,86	1.077,71	149,34	-367,15	-516	-345,9%
Alimentos	3.328,70	2.825,74	327,38	302,91	3.001,32	2.522,83	-478	-15,9%
Metalurgia básica	2.111,72	1.316,58	960,80	463,65	1.150,93	852,93	-298	-25,9%
Elétricos	368,06	248,50	581,47	619,83	-213,41	-371,33	-158	-74,0%
Calçados e Couros	323,24	214,99	71,13	51,96	252,10	163,03	-89	-35,3%
Têxteis	223,62	161,14	212,27	226,03	11,35	-64,90	-76	-671,6%
Madeira	205,39	141,86	15,15	9,67	190,24	132,19	-58	-30,5%
Mobiliário	83,59	55,67	12,88	11,96	70,71	43,71	-27	-38,2%
Bebidas	23,78	16,32	69,88	87,85	-46,10	-71,53	-25	-55,2%
Celulose e papel	501,56	441,98	160,32	125,70	341,24	316,28	-25	-7,3%
Minerais não-metálicos	183,24	142,57	109,66	87,60	73,58	54,97	-19	-25,3%
Produtos de metal	199,17	130,85	254,80	201,56	-55,64	-70,71	-15	-27,1%
Perfumaria	63,54	56,36	55,46	51,12	8,08	5,24	-3	-35,2%
Edição	10,07	5,79	22,66	18,90	-12,59	-13,10	-1	-4,1%
Borracha e plástico	271,16	196,88	380,05	305,08	-108,89	-108,20	1	0,6%
Fumo	336,21	343,19	1,31	5,74	334,90	337,45	3	0,8%
Vestuários	21,86	16,14	68,55	58,70	-46,69	-42,56	4	8,8%
Diversos	47,89	36,02	106,44	86,07	-58,55	-50,05	8	14,5%
Máq. Escrit/Informática	40,87	44,19	473,30	413,46	-432,43	-369,27	63	14,6%
Farmacêuticos	98,33	106,62	583,77	486,33	-485,44	-379,72	106	21,8%
Máq. e equipam.	1.097,40	711,51	1.885,64	1.356,26	-788,24	-644,75	143	18,2%
Inst. médico-hospitalar	66,95	59,18	645,92	485,18	-578,97	-425,99	153	26,4%
Eletrônicos/Eq.Comunic	296,05	200,19	1.369,08	983,40	-1.073,03	-783,21	290	27,0%
Petróleo e álcool	589,17	477,24	1.425,95	595,59	-836,78	-118,35	718	85,9%
Produtos químicos	815,25	676,99	3.100,61	2.145,81	-2.285,35	-1.468,81	817	35,7%
Indústria de Transformação	14.344,35	9.918,55	14.868,02	10.673,17	-523,67	-754,62	-231	-44,1%

Fonte: MDIC. Elaboração DECOMTEC/FIESP.

6. EFEITOS DA CRISE NOS RESULTADOS DOS SETORES DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO¹⁵

Neste tópico alguns dos principais indicadores setoriais do período de um ano de crise são sintetizados e comparados com as mesmas informações referentes ao período imediatamente anterior à crise. Ou seja, a análise confronta a produção, a massa salarial, o pessoal ocupado, a produtividade, o saldo comercial (exportações menos importações) e a corrente de comércio (exportações mais importações) do período de crise, com os mesmos dados do período anterior à crise.

Os meses selecionados para essa análise estendem-se: no período de crise, de outubro de 2008 a setembro de 2009; e, no período pré-crise, de outubro de 2007 a setembro de 2008.

Na comparação, procuraram-se identificar quais foram os setores industriais mais impactados pela crise em seus Resultados¹⁶ e em seus indicadores de comércio internacional¹⁷, que utilizou como *proxy* as variações nos Índices de Saldo Comercial (ISC).

¹⁵ A análise dos indicadores setoriais dos capítulos anteriores refere-se ao mês de setembro de 2009 comparativamente ao mês de setembro de 2008. Entretanto, nesse capítulo, o período compreendido para a análise será outro: de outubro de 2008 a setembro de 2009 comparativamente ao período imediatamente anterior à crise (outubro de 2007 a setembro de 2008). Por essa razão, os resultados obtidos na análise desse capítulo podem ser diferentes da dos capítulos anteriores.

¹⁶ O algoritmo de Resultados deriva da soma das variações relativas da produção, do pessoal ocupado, da massa salarial e da produtividade dos setores industriais nos dois períodos analisados (Out/07-Set/08 e Out/08-Set/09).

¹⁷ Os impactos no comércio internacional têm como *proxy* a variação, em pontos percentuais, dos Índices de Saldo Comercial (ISC) nos dois períodos analisados: Out/07-Set/08 e Out/08-Set/09. O ISC resulta da razão entre o saldo comercial e a corrente de comércio do setor, e pode variar entre 100 e -100. O setor é exportador quando apresenta ISC positivo e, quanto mais próximo de 100, maior é sua vantagem comercial. E, o setor é importador quando apresenta ISC negativo e, quanto mais próximo de -100, menor é sua vantagem no comércio

internacional. O cálculo desse indicador se dá pela expressão: $ISC = \frac{X_i - M_i}{X_i + M_i} * 100$; Onde:

X_i representa as Exportações do Setor i ; M_i representa as Importações do Setor i ; $(X_i - M_i)$ corresponde ao Saldo Comercial do Setor i ; e $(X_i + M_i)$ corresponde à corrente de comércio do Setor i .

Ressalta-se que nenhum setor saiu ileso à crise. Embora alguns setores tenham apresentado resultados positivos, não é possível afirmar que estejam em melhores condições do que estavam antes da crise. Por exemplo, o setor pode apresentar valores positivos nas variações de seus ISCs, indicando que: ou reduziu seu perfil importador, ou elevou o seu perfil exportador. Nos dois casos, não se pode afirmar que as exportações aumentaram em termos absolutos. Uma melhora no ISC indica que as exportações apresentaram crescimento (decréscimo) relativo maior (menor) do que as importações.

Os indicadores de Resultados (produção, pessoal ocupado, massa salarial e produtividade) exibem o posicionamento dos setores, comparativamente à média do algoritmo da indústria de transformação, que ficou negativa em 18,8%. Os indicadores de comércio internacional apresentam as variações absolutas (em pontos percentuais) dos Índices de Saldo Comercial (ISC).

No Gráfico 6.1, é possível identificar treze setores que foram menos afetados nos Resultados. Esses setores estão nos Primeiro (Q1) e Segundo (Q2) Quadrantes, ou seja, na parte superior à reta que representa a média do algoritmo de Resultados da indústria de transformação. Já, os setores mais atingidos nos Resultados estão representados abaixo da média da indústria de transformação, ou seja, nos Terceiro (Q3) e Quarto (Q4) Quadrantes.

No indicador de comércio internacional, vinte setores apresentaram quedas absolutas nos seus respectivos Índices de Saldo Comercial, esses setores estão identificados nos Segundo (Q2) e Terceiro Quadrantes (Q3), enquanto, apenas seis setores apresentaram crescimento em seus respectivos ISCs, e estão representados nos Primeiro (Q1) e Quarto (Q4) Quadrantes.

A) Setores Menos Afetados nos Resultados e no Índice de Saldo Comercial (Primeiro Quadrante – Q1):

Apenas quatro setores da indústria de transformação estão entre os menos afetados nos Resultados e no Indicador de Saldo Comercial. Esses setores podem ser diferenciados em dois segmentos:

I) Setores que elevaram o ISC como exportador:

- i. O setor de **Alimentos** é o único que elevou seu ISC como exportador, ou seja, é o único setor exportador que aumentou sua razão entre o saldo comercial e sua corrente de comércio. Isso não significa que o setor esteja exportando mais do que antes. Na verdade, o setor manteve a relação entre o saldo comercial e a corrente de comércio praticamente inalterada.

II) Setores que apresentaram variações positivas em seus ISCs, reduzindo o índice como importadores.

- i. **Refino de Petróleo e Álcool:** que, nos Resultados apresentou queda de 0,9%; e, no de comércio internacional, crescimento de 0,83 no Índice de Saldo Comercial. No entanto, a melhora do ISC não foi suficiente para modificar o posicionamento do setor, que se manteve importador;
- ii. **Farmacêuticos:** foi o único setor a apresentar Resultados e ISCs positivos. Nos Resultados, o setor apresentou crescimento de 22,1%, já no ISC aumentou 2,81. Porém, o setor de produtos farmacêuticos prossegue como grande importador, com ISC em torno de -65.
- iii. **Equipamentos de instrumentação Médico-Hospitalares, Ópticos, para Automação Industrial, Cronômetros:** O setor apresentou queda de 12,6% nos Resultados, e de 1,21 no ISC. O setor, que é grande importador, apresentou pequena melhora no ISC, devido ao maior recuo de suas importações (-16,7%) frente às exportações (-11,6%). Apesar dos resultados negativos, o setor posicionou-se acima do desempenho médio da indústria de transformação.

B) Setores Menos afetados nos Resultados, porém Afetados no Índice de Saldo Comercial (Segundo Quadrante – Q2):

Nove setores da indústria de transformação inserem-se no Segundo Quadrante (Q2) do Gráfico 6.1, com indicadores de Resultados superiores aos da média da indústria de transformação, porém, seus Índices de Saldo Comercial variaram negativamente.

Nesse quadrante, os setores podem ser agrupados em dois tipos, conforme as alterações em seus Índices de Saldo Comercial:

I) Setores que apresentaram quedas nos Índices de Saldo Comercial, porém, mantiveram-se como exportadores:

- i. Minerais Não Metálicos;
- ii. Outros Equipamentos de Transporte;
- iii. Perfumaria, Sabões, Detergentes e Produtos de Limpeza;
- iv. Fumo; e
- v. Celulose, Papel e Produtos de Papel.

II) Setores que aprofundaram o perfil importador, já que seus Índices de Saldo Comercial tornaram-se mais negativos:

- i. Diversos;
- ii. Bebidas;
- iii. Edição, Impressão e Reprodução de; e
- iv. Têxteis;

C) Setores Mais Afetados nos Resultados e no Índice de Saldo Comercial (Terceiro Quadrante – Q3):

No Terceiro Quadrante (Q3) encontram-se os onze setores que foram mais atingidos pela crise internacional, pois, apresentaram tanto Resultados inferiores ao da média da indústria de transformação, como quedas nos seus respectivos Índices de Saldo Comercial.

Com exceção de Veículos Automotores, que teve seu perfil alterado de exportador para importador (o ISC do setor de Veículos Automotores passou de 14,3 no período pré-crise, para -5,7 no período de crise), os setores desse Quadrante, também, podem ser agrupados em dois tipos, conforme seus Índices de Saldo Comercial:

I) Setores que apresentaram quedas nos Índices de Saldo Comercial, porém, mantiveram-se como exportadores:

- i. Calçados e Artigos de Couro;
- ii. Mobiliário;
- iii. Madeira; e
- iv. Metalurgia Básica.

II) Setores que aprofundaram o perfil importador, já que reduziram seus Índices de Saldo Comercial:

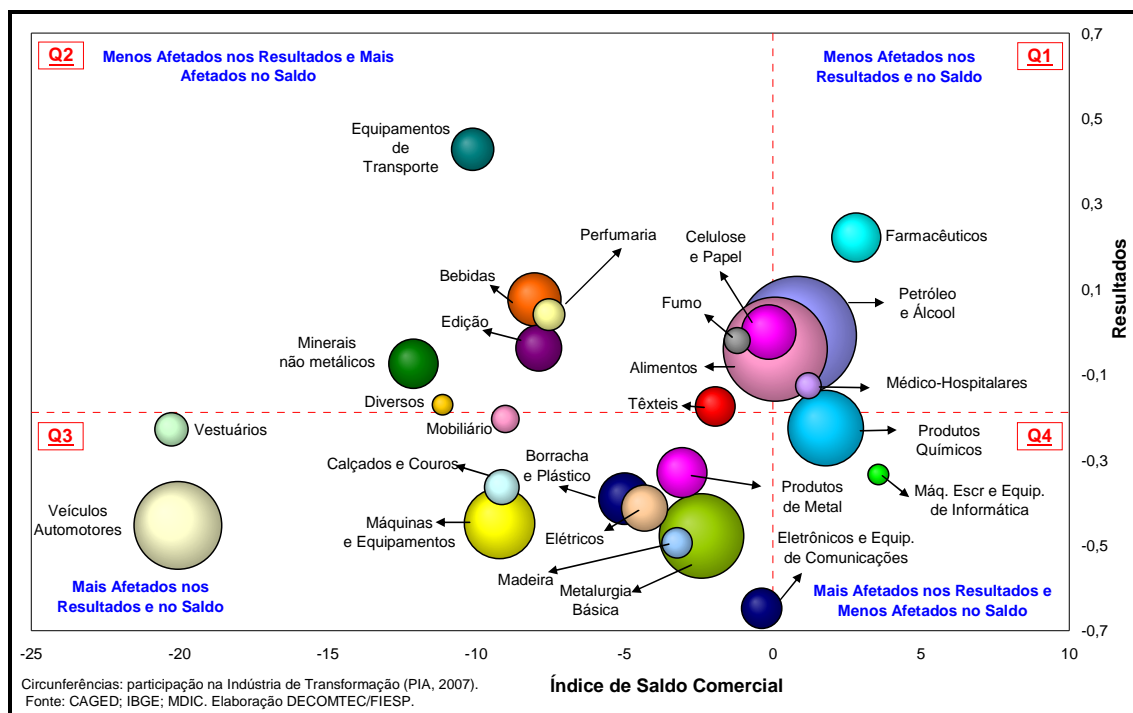
- i. Vestuário e Acessórios;
- ii. Máquinas e Equipamentos;
- iii. Borracha e Plástico;
- iv. Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos;
- v. Produtos de Metal - exclusive máquinas e equipamentos; e
- vi. Material Eletrônico, Aparelhos e Equipamentos de Comunicações.

D) Setores Mais Afetados nos Resultados, porém menos afetados nos Índices de Saldo Comercial (Quarto Quadrante – Q4):

Dois setores apresentaram Resultados desfavoráveis, porém melhoraram os seus respectivos Índices de Saldo Comercial:

- 1) Máquinas para Escritório e Equipamentos de Informática; que reduziu o ISC em 3,56 pontos percentuais, passando de -83,8 no período pré-crise, para -80,3 no período de crise.
- 2) Outros Produtos Químicos: que reduziu o ISC em 1,79 pontos percentuais, passando de -52,0 no período pré-crise, para -50,26 no período de crise.

Gráfico 6.1 Panorama Setorial – Out/08-Set/09 versus Out/07-Set/08



Neste tópico, as comparações entre os doze meses anteriores à crise (de outubro de 2007 a setembro de 2008), com os doze meses de crise (de outubro de 2008 a setembro de 2009) detectaram que os setores industriais foram impactados pela crise internacional em seus Resultados e no Comércio.

Os setores do Terceiro Quadrante foram os mais atingidos pela crise, por isso, algumas medidas anticíclicas foram importantes para que seus Resultados não fossem ainda piores. Salienta-se que essas medidas, embora positivas, demoraram a serem implantadas. As medidas para o Setor de Veículos Automotores, por exemplo, são importantes, já que se estendem, também, aos fornecedores da cadeia, como o setor de **Metalurgia Básica e Borracha e Plásticos**. As medidas para a construção civil ajudaram vários setores, como os de Minerais Não Metálicos, Metalurgia Básica e Produtos de Metal.

No entanto, é importante que outras medidas sejam adotadas para que outros setores possam se recuperar, como para melhorar o posicionamento dos setores que sejam importadores, criando condições para que a produção seja mais competitiva no mercado doméstico.

7. A CRISE, AS AÇÕES DO GOVERNO E PROPOSTAS PARA A RETOMADA DO CRESCIMENTO

Durante a crise os diferentes governos ao redor do mundo realizaram algumas ações de forma a incentivar suas economias. No Brasil as medidas foram em dois âmbitos, as voltadas para o consumo (**redução do IPI para automóveis, materiais de construção e eletrodomésticos e aumento do salário mínimo**) e as voltadas para a produção (**ampliação das medidas da PDP**).

O conjunto de medidas anticrise, aliado aos fundamentos econômicos, permitiu que o PIB brasileiro, após dois trimestres consecutivos de retração, voltasse a crescer.

As medidas voltadas para o consumo, por exemplo, tiveram bons impactos na economia. O consumo das famílias no segundo e terceiro trimestres de 2009 (IBGE Contas Trimestrais) cresceram 3,0% e 3,9%, respectivamente, em relação aos mesmos trimestres do ano anterior. Logo, o desempenho da economia poderia ter sido pior, caso as despesas das famílias não reagissem às medidas de incentivo.

Pelo lado da oferta, a produção industrial apresentou grande queda podendo voltar aos níveis de setembro de 2008, quando apresentava uma das melhores fases de crescimento, somente no último trimestre de 2010. Logo, a recuperação da produção industrial se dará em mais de dois anos do início da crise.

Em pior situação, a Formação Bruta, que era de 20,1% do PIB no terceiro trimestre de 2008, caiu para 17,7% no terceiro trimestre deste ano. O retorno aos níveis de 2008, provavelmente, só acontecerá em 2011, isto é, após três anos do impacto da crise.

Esse tempo para o retorno do investimento é perigoso, já que a projeção do retorno da produção ao mesmo patamar de setembro de 2008 se dará no final de 2010, mas os níveis de investimento só voltarão em 2011. Há a necessidade de o investimento voltar aos mesmos níveis num prazo mais curto para que não se tenha pressão de demanda em função do mercado interno responder muito bem ao crescimento do crédito. Além disso, se os países asiáticos voltarem a retomar o crescimento, haverá um

aumento de demanda de alimentos e matérias-primas de nossos clientes, que poderá encontrar gargalos pelo lado da oferta e elevar os preços desses bens.

No final de 2008, investia-se acima do crescimento do PIB, o que ajudava, sobremaneira, o crescimento sustentado da economia. Porém, com a crise os investimentos se arrefeceram, com uma queda de 21%.

O governo diante desse cenário ampliou as medidas da Política de Desenvolvimento Produtivo com vistas a induzir a retomada do investimento já no ano de 2009. No final de junho foi lançado um pacote com medidas de redução do custo do financiamento e de desoneração (Quadros 7.1 e 7,2).

Quadro 7.1 Resumo dos Incentivos Permanentes ao Investimento.

MEDIDA	AVALIAÇÃO
Redução da TJLP em 0,25 p. p.	Positiva , porém, insuficiente. Para que a TJLP real atingisse o nível que se encontrava antes da crise seria necessário reduzi-la em, pelo menos, 1,0 p. p., pois a expectativa de inflação para os próximos 12 meses caiu de 5,16% em agosto de 2008 para 4,14% em maio de 2009.
Fundo Garantidor de Operação	Positiva . O foco em operações de giro atende a uma reivindicação antiga da FIESP. Entretanto, é necessário complementar essa medida com a desburocratização (em especial de linhas menores) e com a redução da assimetria de informação para ampliar seu potencial financiador. A medida será boa, entretanto, se implicar na redução do spread bancário.
Fundos Garantidores de Financiamento	Positiva . Atende ao pleito da FIESP, mas ainda necessita: um acompanhamento sistêmico para que não haja excesso de exigências das garantias, tornar os procedimentos de acordo com a faixa de valores dos empréstimos e a elaboração de modelos simplificados de documentação para reduzir a burocracia.
Cartão BNDES Inovação	Muito positiva . Este instrumento havia sido proposto pela <i>Pesquisa FIESP sobre intenção de investimento 2009</i> , que verificou as dificuldades das MPMEs no acesso ao financiamento público à inovação. Há, entretanto, ainda muito a ser feito, como validar os instrumentos da Lei da Inovação, ampliar a subvenção, agilizar a segurança jurídica e outros.

Quadro 7.2 Resumo dos Incentivos de Curto Prazo ao Investimento

MEDIDA	AVALIAÇÃO
Redução dos juros para aquisição, exportação e produção de BK	Positiva. Com essa medida o financiamento de BK está quase a 0% de juros reais, o que nos deixa em relação de igualdade com nossos competidores e incentiva o investimento. Porém, o pagamento de juros é só um dos fatores que onera o investimento; para incentivá-lo de fato é necessário que seja desonerado do pagamento de todos os tributos a todos os portes, até porque a maioria (66%) é feito com recursos próprios das empresas.
REFIN-BK	Positiva. As empresas terão mais segurança com relação aos investimentos já realizados, o que garante menos prejuízos com as inversões ativas
Redução de custos das linhas de inovação	Positiva. Porém, as linhas se restringem, quase exclusivamente, para empresas de grande porte. Para que tenham efeito, portanto, é necessário ampliá-las e criar linhas específicas para empresas de menor porte com condições semelhantes. Além disso, 81% dos recursos utilizados para os investimentos em P&D são das próprias empresas.

O foco das medidas implantadas a partir de julho de 2009 foi, predominantemente, a ampliação da oferta e a redução do custo do crédito seja para investimento, giro, exportação e inovação. O que em meio a uma crise, eminentemente, de crédito, foram ações na direção certa.

Conjunturalmente, essas ações amenizaram os efeitos da crise, mas não conseguiram manter a trajetória anterior em que os investimentos estavam crescendo a taxas acima do PIB.

Além disso, em momentos como esses os investimentos em P&D, por serem de longo prazo e envolverem riscos, e, no caso de Brasil, somado com a estrutural dificuldade de acesso aos instrumentos de apoio à inovação, faz com que as empresas deixem em segundo plano essa modalidade de investimentos.

As medidas lançadas pelo governo, em geral, de caráter anticíclico, procuravam incentivar a antecipação de investimentos pelas empresas. Até porque, como a maior parte das medidas vigorará somente até 31/12/2009, as empresas teriam motivos para não postergar seus investimentos até a estabilização financeira.

Dessa forma, parece que a direção tomada de baratear o crédito nesse momento foi acertada, no entanto, uma política industrial precisa ser estrutural e ter ações permanentes que possibilitem o desenvolvimento da estrutura produtiva de acordo com uma estratégia e metas.

Passado os principais sintomas da crise, é preciso ser mais ousado e avançar em ações de caráter permanente, de forma a dar continuidade à construção de um ambiente que incentive o investimento, como por exemplo, manter os investimentos em Máquinas e Equipamentos com a TJLP de 4,5% e baixar a TJLP para 5,25% para todos os investimentos.

As medidas de caráter permanente contidas na PDP precisam ser ampliadas. Durante esses últimos meses um dos aprendizados foi o impacto positivo que a desoneração teve no consumo interno, respondendo, sobremaneira, as ações do governo. Agora é preciso que se ampliem essas medidas para os investimentos de forma a evitar processos inflacionários no curto prazo e para que se volte aos níveis de investimento que havia antes da crise.

Em relação ao financiamento é preciso desburocratizar e facilitar o acesso das empresas. Observou-se que a diminuição dos *spreads* dos bancos públicos impacta no mercado, demonstrando o papel que esses bancos podem e devem desempenhar no sistema financeiro, ampliando o atendimento e facilitando o acesso das empresas aos financiamentos dos investimentos.

Segundo pesquisa publicada pela FIESP sobre conhecimento dos instrumentos da PDP¹⁸, os instrumentos com maior pretensão de uso são os voltados para desoneração, tanto para investimento fixo quanto para inovação. Essa relação indica que a falta de acesso ao capital e a conseqüente utilização de capital próprio para investimentos, gera uma demanda por diminuição dos custos dos investimentos, sobretudo dos custos tributários, dando sinais claros ao governo de onde se pode avançar mais no sentido de incrementar os investimentos.

Sendo assim, as medidas de desoneração precisam ser ampliadas. O Brasil é um dos poucos países que onera os investimentos, o que é extremamente inconsistente com uma política de incentivo à modernização e desenvolvimento do parque industrial.

No lançamento da PDP, em maio de 2008, algumas medidas foram tomadas para desonerar o investimento, tendo destaque as medidas de depreciação acelerada. Essas medidas, por sua vez, pressupõem que as empresas tenham

¹⁸ “Pesquisa FIESP sobre Impacto da PDP na Indústria Paulista” 2009.

lucro para se efetivarem, pois incidem sobre a CSLL. Em momentos de crise, no entanto, o lucro das empresas – em especial daquelas que mais precisam investir – cai significativamente.

No caso dos investimentos em inovação e P&D, é preciso avançar ainda mais para que se consiga elevar, consistentemente, esses tipos de investimentos. Para incentivar o investimento em P&D, é necessário ainda um grande caminho que passa por: validar os instrumentos da Lei da Inovação, ampliar e consolidar o instrumento de subvenção econômica, permitir a utilização de crédito tributário para investimento em P&D, ampliar a participação de mercado de capitais no financiamento à inovação, além de criar ambientes de inovação focados na empresa, através da difusão e extensão tecnológica e da consolidação de um Sistema Nacional de Inovação.

8. ANEXOS

Anexo 1 – Produção Física

Gráfico 8.1 Variação da Produção Física (Set/08 – Set/09)

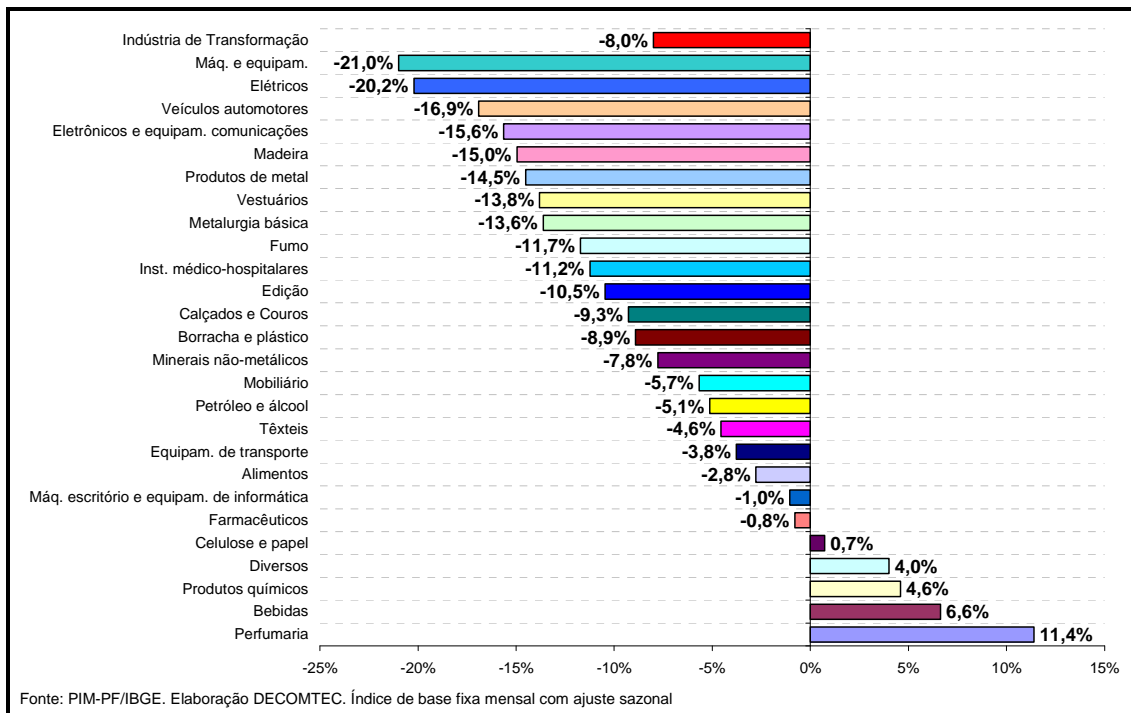
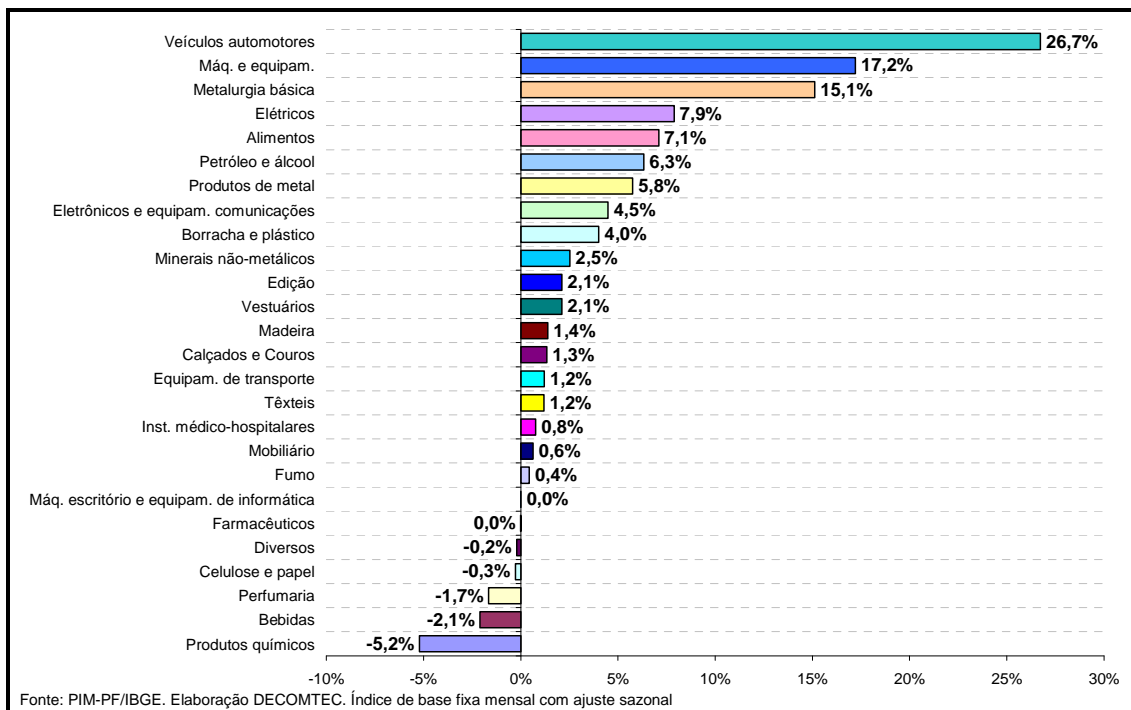


Gráfico 8.2 Contribuição dos Setores na Queda de 8,0% da Produção da Indústria de Transformação (Set/08- Set/09)



Anexo 2 – Emprego

Gráfico 8.3 Variação do Pessoal Ocupado (Set/08 – Set/09)

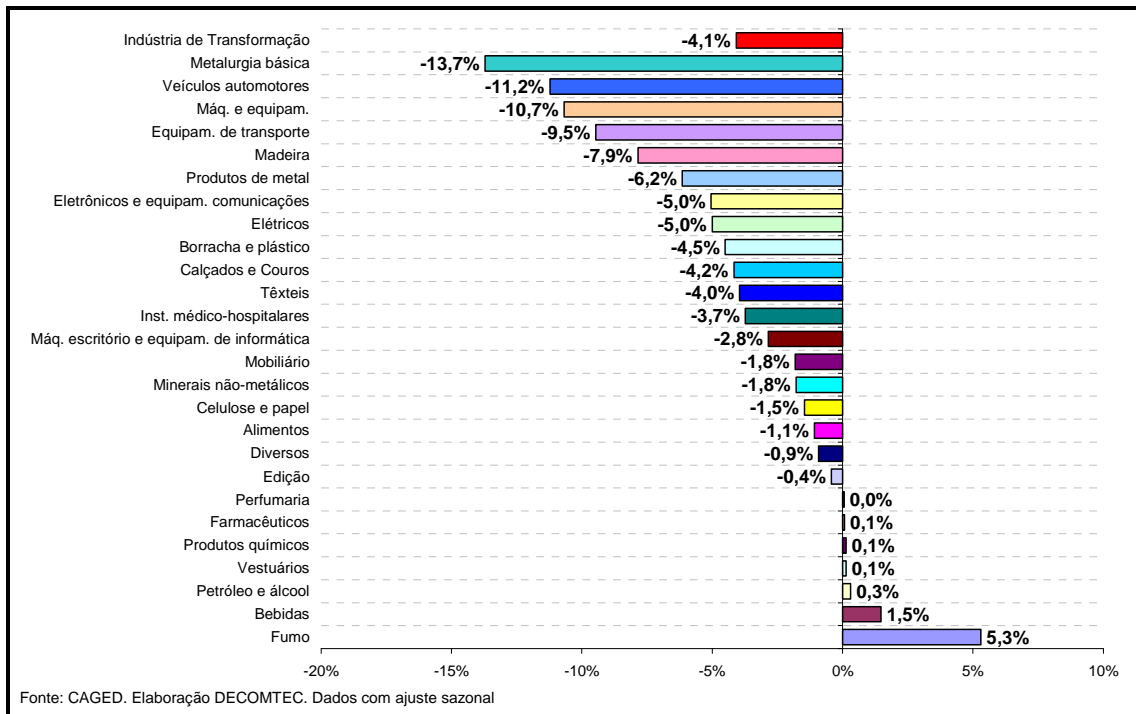
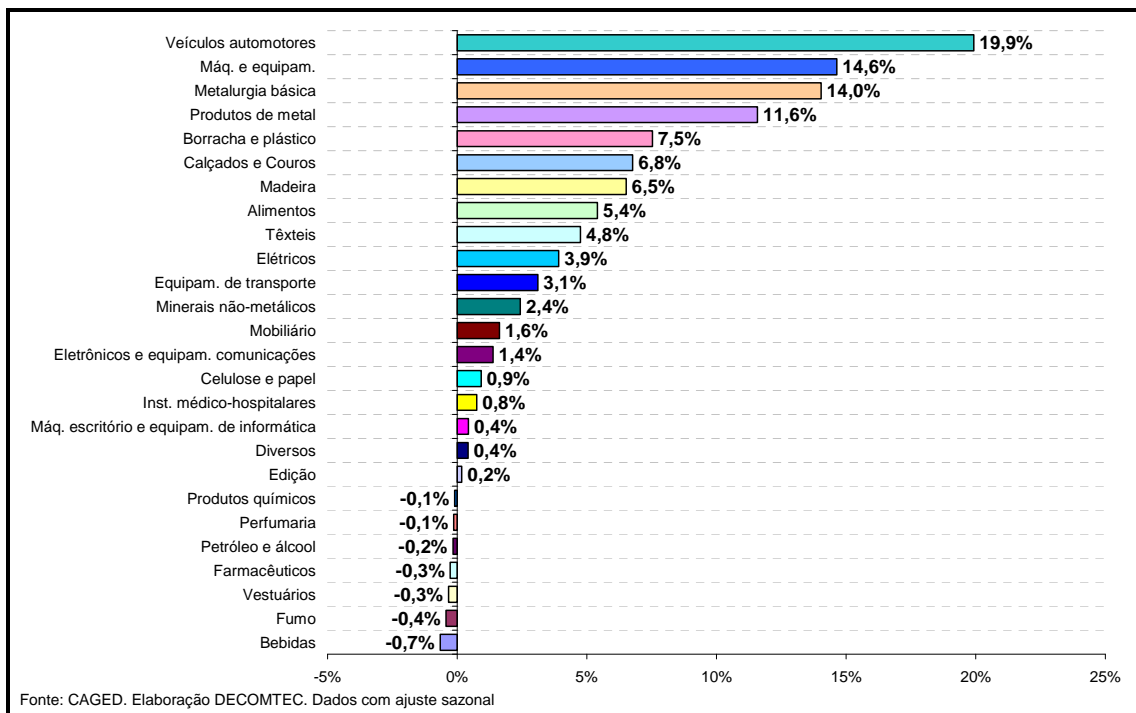


Gráfico 8.4 Contribuição dos Setores na Queda de 4,1% do Pessoal Ocupado da Indústria de Transformação (Set/08- Set/09)



Anexo 3 – Massa Salarial

Gráfico 8.5 Variação da Massa Salarial (Set/08 – Set/09)

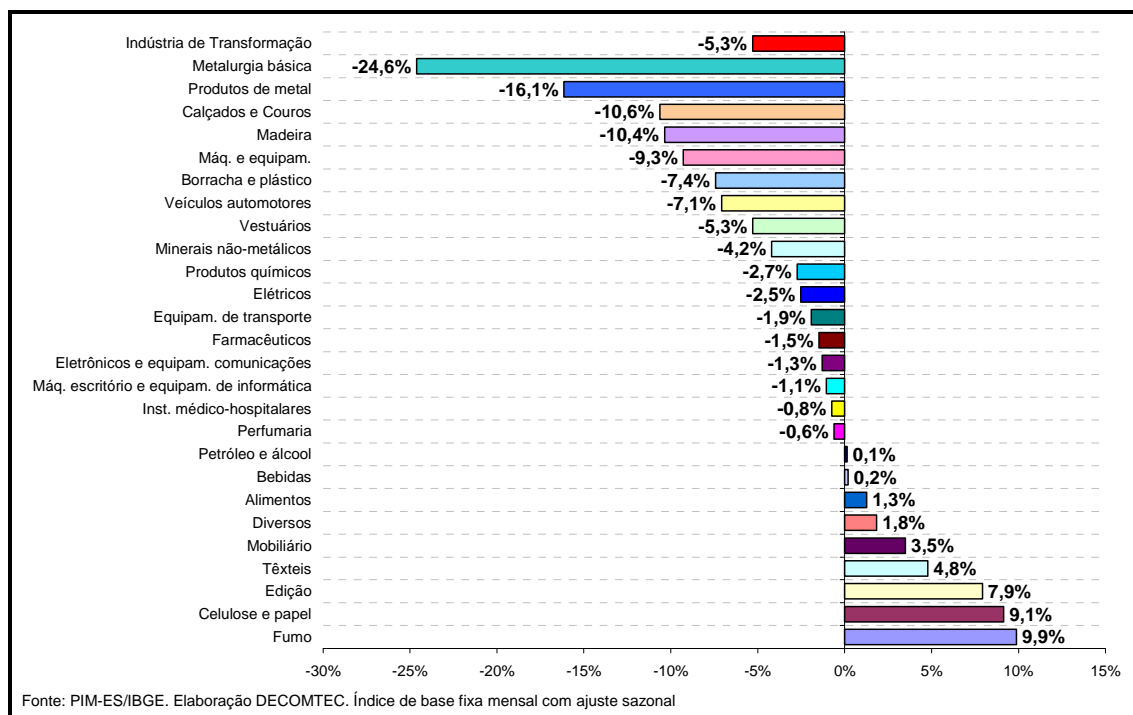


Gráfico 8.6 Contribuição dos Setores na Queda de 5,3% da Massa Salarial da Indústria de Transformação (Set/08- Set/09)

